THEATRO

DE

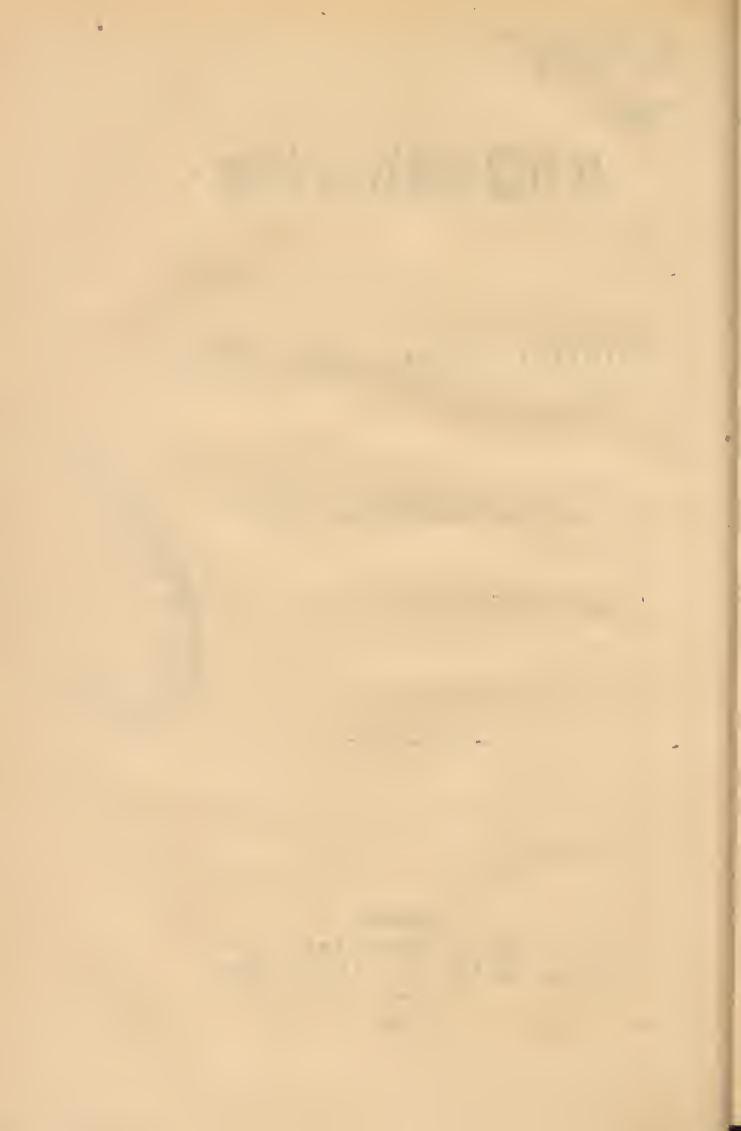
J. DA S. MENDES LEAL, JUNIOR.

AS TREZ CIDRAS DO AMOR.

COMEDIA LENDA, EM 4 ACTOS.

POR J. DA S. MENDES LEAL, JUNIOR.

LISBOA
TYP. DA EMPRÊZA DA LEI.
Travessa das Mercês n.º 11 — 1.º andar.

1852

Inteiramente desambiciosa, esta pequena peça não passa d'um mero desinfado. O fundo d'ella é uma lenda popular, bem conhecida da nossa infancia. Sobre esta lenda bordei algumas scenas, a que procurei dar a tintura satyrica da comedia. Afóra a tradicção poetica, não é mais do que uma ironia dialogada, que o publico houve por bem acolher com algum favor. Não tive outra pertenção. Se esta é bastante, decidam-o os leitores; se o não é, resta-lhes a censura. Para isso é que abri esta especie de galeria. E' uma

phantasia, e como tal a tractei. A poesia d'este genero de composições é tanto para os olhos como para os ouvidos. A perfeita regularidade da comedia não era compativel com o meu intuito. Fui até onde me permittia o assumpto: isto é, até á simples intenção comica. Se o alcancei, resolva-o tambem o publico. O estyllo desinfastiado pareceu-me o conveniente. Julgarão.

Não me parece que se deva dizer mais d'uma composição, a que não ligo mais importancia do que ella na verdade póde ter.

Cabe-me só protestar contra o pensamento, que, na épocha em que esta peça foi representada, se me quiz attribuir; isto é, o de levar a satyra mais longe e mais alto do que nunca foi minha idéa. Contra similhante imputação, repito, protesto, e protesto com toda a energia das minhas forças. Creio que a minha palavra bastará. Se não bastasse, toda a analy-

se judiciosa diria que, onde não ha analogias não póde haver intenção satyrica, salvo a que der o arbitrio das interpretações, sobre as quaes nada póde o auctor, victima d'ellas. Os meus principios são conhecidos. Não os desmenttiria ali, como em nenhuma parte. Intendo que a censura não póde, não deve ir alem dos limites marcados. Esta regra de moralidade publica, pratico-a para ter o direito de reprehender as violações d'ella. Quando faço allusões tenho resolução e lealdade sufficiente para as fazer bem claras, a fim de que o proposito d'ellas se não equivoque. Essas, não as nego. Outras, regeito-as porque as não quiz fazer, como as confessaria se as houvera feito.

Não me explico mais porque não quero discutir o que, segundo as nossas leis, está acima da discussão. Creio terme feito intender quanto basta para repellir imputações, que, se estão hoje mortas, poderiam ressuscitar, ressuscitando a

peça na imprensa. Alguns julgarão occiosa a precaução. A experiencia é que me tem ensinado a prevenir-me.

Permitta-se-me, para concluir, citar algumas palavras do parecer, dado pela respectiva commissão, quando a peça foi representada. Este parecer, rubricado com o nome de um dos nossos mais brilhantes e vigorosos talentos, o do sr. Luiz Augusto Rebello da Silva, á força de benevolo póde parecer parcial. Estas poucas palavras devem porem contribuir para dar a esta lenda uma auctoridade, que ella sem isso não teria. Demais, tenho sido retalhado por tanto censor anonymo, que me deve ser permittido appoiar-me no testimunho d'um nome esplendido. E' uma compensação. Alem d'isso, todos sabem que sou eu dos que, longe de haver abusado, nem tenho sequer usado das minhas relações e posição na imprensa, para me engrandecer, rodeando-me d'um empyrismo que francamente detesto. Nem

mendigo louvores, nem sollicito suffragios. O que produzo deixo-o ir á graça do Senhor; e muitas vezes me tenho vingado da indifferença multiplicando esforços. E' a unica desforra que intendo em coisas litterarias! Parece-me que não sou d'aquelles a quem se possa reprehender a priguiça. Tampouco sou dos que desejam monopolisar as attenções. O paiz é bello e a gente é boa. Louvores a Deus, ha campo e sol para todos Tarde ou cedo, tenho fé que me ha-de chegar o quinhão, pequeno ou grande, que legitimamente me pertencer: não haja medo que o vá disputar aos outros. Creio que, á falta de outros dotes, tenho uma vontade firme que ama a linha recta, e se compraz em superar os obstaculos. Perdoemme se me deixei ir a fazer a minha apologia. Não é muito do meu costume; mas

L'excés de modestie, est un excés d'orgueil.

Sigo a regra. Releve-se-me portanto

a innocente satisfação de copiar aqui um juizo favoravel. Não faltará quem faça o contrario.

Eis o que o sr. Rebello da Silva escrevía das TRES CIDRAS DO AMOR em Janeiro de 1849 :

« A commissão leu a peça em 4
« actos — AS TRES CIDRAS DO AMOR, cu-
« jo objecto é avivar, pelo interesse da
« phantasmagoria, uma lenda popular de
« origem oriental. Em composições des-
« ta natureza o fim que se propõe a arte
« consiste em criar um enredo, facil em
« se prestar ás visualidades e mutações,
« com a possivel deducção na fabula e
« a maior novidade nas transformações.

« O auctor porém, não se conten-
« tou com isto. Dotado de um ingenho
« fecundo, liga uma acção verdadeira-
« mente comica com as exigencias do
« genero, e a sua imaginação risonha é
« inexgotavel em unir, aos lances mais
« inopinados, a graça e e a novidade dos

« caracteres que podiam figurar com hon-
« ra, mesmo n'uma obra mais sevéra.
« Além disto, a peça de que se tracta
« tem trechos de poesia lyrica escriptos
« com valentia e aprimorado gosto. »

PERSONAGENS.

A FADA BRANCA.
A FADA NEGRA.
SAMUEL, JUDEU MERCADOR.
O PRINCIPE AZUL.
ALMANZOR.
ABDALLAH.
LIA, NOIVA DE SAMUEL.
A 1.ª CIDRA.
A 2.ª CIDRA.
A 3.ª CIDRA.
AGAR, CAPITÃO DAS GUARDAS.
A PRINCEZA DE ISPAHAN.
O PRINCIPE DE ISPAHAN.

GENIOS NEGROS, GENIOS BRANCOS, FADAS NEGRAS, FADAS BRANCAS, GUERREIRAS, OFFICIAES, CAÇADORES, ESCRAVOS, CÔROS, MUSICA, ECT.

A scena pa sa-se no Oriente.

ACTO I.

Paisagem. Fundo agreste de penedias. Algumas palmeiras espalhadas d'ambos os lados. D'um dos rochedos brota uma fonte cujas aguas se ajunctam n'uma especie de tanque rude, formado, na base da mesma rocha, pelas asperidades d'ella. E' noite. Ao levantar do panno o trovão estalla com violento estampido. O raio atravessa a scena, illuminando subitamente a paisagem d'um clarão enxofrado. Está tudo deserto. A orchestra exprime a situação, abrindo n'um *fortissimo* que vai successivamente abatendo até degenerar n'um rumor quasi imperceptivel.

SCENA I.

SAMUEL *entra nos ultimos compassos, indicando o seu terror; pouco depois a orchestra pára.*

SAMUEL.

(*ao meio do theatro, olhando para todos os lados*) Valham-me as taboas da lei! Ainda ha pouco estava o ceu tão azul, tão azul. . .

e agora! *(olhando)* Passou. Passou; mas é noite, e em quanto não entrar na cidade não estou descançado. *(apalpando o cinto)* Ah! cá estão os meus ricos sequins *(tirando a bolsa)* Eu bem sei que andaes em risco por estes descampados, mas não posso resistir ao desejo de vos contar outra vez, meus filhos, *(conta-os olhando sempre em redor)* 1, 2... 10...12, 13... 15... 19, 20. Vinte e cinco sequins! Não foi má de todo a venda das minhas lãs... de camello. Este anno tosquiaram-se muitos camellos. *(satisfeito)* Ha muito camello este anno.

UMA VOZ.

(chamando debilmente) Samuel.

SAMUEL.

(voltando rapidamente a cabeça e guardando apressado a bolça.) Hein? *(olha em redor. Silencio de momentos)* Pareceu-me ouvir... Nada. Eu sou naturalmente afoito, mas passam-me ás vezes ideas pela cabeça.., *(rindo com um riso amarello)* Aqui não ha que receiar. O sitio é só, é; mas não tenho ouvido fallar em.... *(estremecendo todo)* Se elles me estivessem a escutar...

A VOZ.

(um pouco mais distincta) Samuel!...

SAMUEL.

(como acima) Que? *(olhando tudo)* Jurá-

ra por Moysés... Eu sou naturalmente affoito; mas... (*decidamente*) Vou-me embora.

A VOZ.

(*restrugindo*) Samuel!

SAMUEL.

(*dando um grito e um pulo*) Senhor? (*ao voltar dá com os olhos em Lia, que entra seguida d'um escravo.*)

SCENA II.

LIA E SAMUEL, O ESCRAVO *ao fundo.*

SAMUEL.

Ah! eras tu, Lia! Se eu não fôra naturalmente affoito diria que me tinhas pregado um susto... Que susto! Para que deste um berro tamanho?

LIA.

Quem?

SAMUEL.

Quem? Tu.

LIA.

Eu!

SAMUEL.

Pois quem havia de ser?

LIA.

Eu dei um grito!

SAMUEL.

Ora vamos, Lia; não te faças de novas. Apezar de eu ser naturalmente affoito, confesso que não deixei de estremecer. Estás satisfeita?

LIA.

Estou. Mas tu, cá na minha opinião, é que. . .

SAMUEL.

Dize lá. Eu é que...

LIA.

Perdeste a cabeça.

SAMUEL.

Por ti, é verdade: bem o sabes. E per dida a trarei emquanto não chegar o dia da nossa união. Não abaixes os olhos. Tolice! Teu pae prometteu não demorar esse dia. Só então é que poderei achar a minha cabeça.

LIA.

Isto não é logar nem hora de dizer finezas.

SAMUEL.

Tens razão. (*olhando receioso*) Isto não são horas. Mas donde vens tu a estas horas?

LIA.

Venho de visitar a pobre Susanna velha, que vive na aldea, e que é da nossa tribu. Agora voltava á cidade. E tu?

SAMUEL.

Eu venho de vender as minhas lãs. . . de camello, no mercado visinho, e volto á cidade tambem. Olha lá, para que foste tu vi sitar a Susanna velha, que está com os pés para a cova?

LIA.

Fui-lhe levar meio sequim por ordem de meu pae.

SAMUEL.

Como? Meio sequim! Meio seqnim por juncto á velha!.. Lia, teu pae quer-me arruinar!

LIA.

Que é isso? Que tens? Que afflicção é essa?

SAMUEL.

Meio sequim! Meio sequim de ouro a Susanna!

LIA.

Se ella é da nossa tribu.

SAMUEL.

Qual tribu nem meia tribu. Attribulado estou eu. Meio sequim de oiro! Era meio sequim de oiro que teu pae lhe mandou, não era?

LIA.

(*sorrindo*) Era.

SAMUEL.

E tens animo de rir com isso, Lia! Lia, tu não tens coração. Pois não sabes que esse meio sequim é um meio sequim de menos no teu dote, que ha-de ser o meu dote? Lia, teu pae... Queres saber o conceito que eu formo de teu pae?... Teu pae, Lia, é um velho perdulario: é cá a minha opinião. Meio sequim! Meio sequim é o valor d'um quarto de camello, e ha camellos inteiros que nem

tanto valem. Aqui estou eu que... (*fechando as mãos na cabeça*) Meio sequim de ouro!

LIA.

Socega, Samuel. (*saca-o*) Eil-o aqui.

SAMUEL.

(*alvoroçado*) O que?

LIA.

O meio sequim.

SAMUEL.

O meio sequim de oiro! Então que deste a Susanna?

LIA.

Dei-lhe meio sequim de prata.

SAMUEL.

Oh! Lia, Lia, vem a meus braços. Eu sinto uma necessidade feroz de te apertar nos meus braços. (*limpando uma lagrima de jubilo*) Lia, essa tua acção ha-de ficar gravada no meu cinto... quero dizer, no meu peito. Lia, se fôsse possivel augmentar o meu amor, tinha agora crescido... meio sequim. Lia, minha companheira, minha esposa, minha adorada Lia, tu nasceste para me comprehender. As nossas almas foram formadas uma para a outra. Vou hoje mesmo deitar-me aos pés do venerando Simeão e pedir-lhe que veja se conclue quanto antes a nossa alliança. Havemos de ser um modelo de união e concordia. Lia, vamo-nos embora. Guarda bem o meio

sequim. Ou, senão, eu t'o guardo: è mais seguro.

LIA.

(*retirando-o e guardando-o*) Não, ainda não somos esposos.

SAMUEL.

E' verdade, ainda não estamos unidos á face de Deus. Mas eu posso jurar-te... (*em tom tragico*) por este nevoeiro que nos cobre, por estes rochedos que nos escutam!... (*para o publico: á parte*) Isto é absurdo, mas é o mesmo: estyllo figurado!

LIA.

Acabas?

SAMUEL.

Já acabo: estou no principio, não me interrompas. (*tragicamente*) Sim, juro por estes rochedos que nos escutam; por estas arvores... vês estas arvores, Lia?... por estas arvores que... (*à palmeira para a qual elle avança alguns passos, avança tambem para elle. Atterrorisado e attonito*) Ai! sanctos patriarchas! (*recua: a arvore avança*) Lia? (*voltando-se consternado para Lia*).

LIA.

(*indo para elle*) Samuel?

SAMUEL.

Vês?

LIA.

Vejo.

SAMUEL.

Isto não é natural. As arvores não costumam andar pelo seu pé: não foi para isso que as plantaram Eu sou naturalmente affoito; mas tremo que nem varas. Estava agora no ardor da febre, no delirio do enthusiasmo... e arreffeci como um sorvete. (*para o publico*) A isto é que se chama deitar agua na fervura. (*para Lia*) Decididamente, Lia, eu faço ponto nas minhas invocações. Tu tinhas razão; isto não é logar nem hora para finezas. E' uma asneira que se costuma fazer. Vamo-nos embora.

LIA.

Vamos, Samuel. Desta vez vamo-nos embora deveras. Se houver algum perigo, em nome do nosso amor, deffende-me, Samuel.

SAMUEL.

(*affastando-se*) Ainda não somos esposos. (*vão a sahir, as palmeiras avançam todas ao seu encontro*) Aarão! Moysés! Josué!

LIA.

Abrahão! Isaac! Jacob! (*recuando ambos cheios de terror*)

SAMUEL.

(*tremendo*) Intercedei por nós, oh grande rei Habacuc!... não! Intercedei por nos, oh grande propheta Salomão!... tambem não.

LIA

Acudi-nos, valorosa Judith.

SAMUEL.

Lia?

LIA.

Samuel?

SAMUEL.

(*com esforço desesperado*) Vamos por este lado.

LIA.

Vamos! (*vão a sahir para o lado opposto: as arvores d'esse lado avançam tambem e fecham-lhes a sahida*)

SAMUEL.

Estamos no meio d'um bosque. E' um palmar completo. E' uma deploravel traição... bucolica. Ha tanto quem deseje palmas por esse mundo, e nós temol-as aqui de mais. (*desbarretando-se e dirigindo-se ás arvores*) Viçosas filhas do Criador, eu bem sei que uma humilde criatura. (*á parte*). Tenho a lingua pegada na garganta... (*alto*) Viçosas filhas... (*ao publico*) Eu queria fazer-lhes um discurso pathetico e compungente. (*alto*) Viçosas filhas... (*á parte*) Talvez sejam mães. (*alto*) Viçosas e florescentes... florescentes e viçosas... (*á parte*) Suspeito que estou cada vez mais estupido. Caldeei-me n'um charco até ao pescoço. (*alto e prestando o ouvido*) Como?... (*escuta*) Ah!... Tinha-me parecido ouvir... Enganei-me. Bom! Então posso continuar: tenho a palavra. Florescentes e viçosas habitantes des

tas campinas... (*á parte*) Passo a internecel-as. (*alto*) Vêdes na vossa presença um mancebo de 25 a 47 annos, e uma donzella na flôr das suas 32 primaveras, acompanhadas dos competentes invernos. (*pomposamente*) Vêdes na vossa augusta presença duas pessoas cujos projectos... (*naturalmente*) Os projectos não fazem nada ao caso: adiante. (*á parte*) Agora é o melhor. (*tragicamente*) Permittireis acaso... (*naturalmente*) Daes licença que nos recolhamos a nossas casas? (*a palmeira mais proxima faz um signal negativo*) Como? Não! (*perdendo de todo a cabeça*) Mas isto é uma coisa inaudita! Isto é uma scena das mil e uma noites... (*para o publico, socegadamente*) Palavra de Samuel, filho de Manassés, estou quasi accreditando no conto do principe das barbas verdes. (*encolhendo os hombros, com um tom de profundo despreso*) Vejam a fatal embirração destas desastradas arvoresitas. (*desesperando-se*) Oh! palmeiras infernaes! palmeiras maldictas! Eu lhes lanço a todas a minha maldicção (*correndo d'umas a outras como louco*) Anda: eu te amaldiçoo... e a ti... mais a ti... e a ti tambem (*pára subitamente á voz, que restruge*).

A VOZ.

Samuel!

SAMUEL.

(*gritando*) Que é lá? (*pausa: a Lia, tranquillo*) Chamaste?

LIA.

Eu não. Tu é que gritaste.

SAMUEL.

Foste tu! (*viva altercação*).

LIA.

Foste tu!

SAMUEL.

E' falso.

LIA.

Não ha tal!

SAMUEL.

(*ao publico*) Modello de união e concordia!

LIA.

Eu bem ouvi! tu é que foste!

SAMUEL.

E então eu estarei surdo? foste tu. (*Emquanto os dois questionam, a fada negra surge atraz delles.*)

SCENA III.

OS DITOS E A FADA PRETA.

FADA.

Nem um, nem outro. (*o escravo de Lia afunde-se.*)

SAMUEL.

Que é isto?

LIA.

Que é isto?

FADA.

Fui eu.

SAMUEL.

Vós ?

LIA.

Fostes vós que chamastes por Samuel ?

FADA.

Fui.

LIA.

(*a Samuel*) Tu conhécel-a ?

SAMUEL.

Eu não , e tu ? *(pausa : á Fada)* Quem sois vôs, senhora? (*á parte*) Pela côr do rosto não é facil distinguil-a.

FADA.

Sou a rainha dos espiritos negros, a soberana das trevas, que preside aos mysterios da noite. Lia, Samuel, vós sois dos meus. (*a Samuel*) Fui eu que te chamei.

SAMUEL.

Muito obrigado ! mil vezes obrigado á attenção : não mereço tanto ! A falar a verdade confesso que não conheci bem a voz ; mas, como sou naturalmente affoito e atilado, disse logo commigo : isto é por força alguem.

LIA.

E porque atrahimos nós o vosso interesse ?

FADA.

(*com malicia*) Porque li nos vossos cora-

ções. Já vol-o disse: sou a rainha dos espiritos negros.

SAMUEL.

Tudo obsequios, tudo obsequios! E porque me não chamastes logo mais de rijo? Escusava de....

FADA.

Da primeira vez que vos chamei, estava a dezoito mil e quinhentas legoas de distancia.

SAMUEL.

Só?

FADA.

Da segunda, a doze mil e oitocentas.

SAMUEL.

Está feito.

FADA.

Da terceira, vinha atravessando as regiões da lua.

SAMUEL

Fazia luar?

FADA.

Na ultima, estava juncto de vós.

SAMUEL.

Com effeito, já é andar. E quem havia de dizer que esta vozinha a dezoito mil e quinhentas legoas... Famoso folego! Ah!... a proposito de folego... para quem vem da lua parece-me que não é lá muito proprio este caminho. (*aponta para o chão*).

FADA.

Queres acaso penetrar os meus mysterios, miseravel mortal?

SAMUEL.

(*tremendo*) Eu? Essa é boa. Eu não penetro coisa nenhuma. (*á parte*) Não se podem tomar conflanças com estas senhoras fadas. Não fazem nada como a gente. Teem licença para ingenhar toda a qualidade de destempero.

A FADA.

Se queres formar uma idéa do meu poder, observa. (*traça no chão em roda de si, um circulo, com a sua vara de ebano. Depois traça outro no ar. As arvores recuam por si mesmas. Samuel e Lia, como attrahidos por ellas, recuam tambem olhando para traz*)

SAMUEL.

Que é isto?

LIA.

Que é isto?

FADA.

(*com voz terrivel*) Silencio!

SAMUEL.

(*para Lïa, com mysterio*) Silencio!

LIA.

(*para Samuel, submissa*) Silencio! (*Samuel e Lia formam de parte um grupo encolhido e timido*)

FADA.

Do prado as flores são bellas;
Mas eu não troco por ellas
A minha c'roa d'estrellas,
Que brilha com mais fulgor;
Trago o cinto recamado
Desses astros, pó doirado,
Que, ao passar no ceu calado,
Levanta o pé do Senhor.

Guio na sombra os meus passos.
Quando sinto os membros lassos
Acalento-me nos braços
Da nocturna viração;
Mas se, irada, em terra caio,
Por entre o geral desmaio,
A's procellas peço o raio,
E peço a Deus o trovão!

Mal da serra afogueada
Foge a luz invergonhada,
Eu dou á terra prostrada
O meu desejo por lei.
Surgi: são horas.—Ligeiras
Minhas negras companheiras,
Meus genios, minhas guerreiras,
Meus servos fieis, correi!

(traça um novo circulo no ar. Os genios, as fadas, e as guerreiras negras sur-

gem de todos os lados. Umas sáem da terra, outras d'entre as rochas, outras do seio das palmeiras. A um aceno da fada, os genios apoderam-se de Samuel, as fadas de Lia: deixam-se ambos arrastar attonitos. Estampido de trovão. Sente-se estallar o raio. Um clarão rubro alumia a scena. A' voz da fada, os dois grupos das fadas e dos genios param)

SCENA IV.

OS DITOS, GENIOS, FADAS, CORO ETC.

FADA.

Sabei, vassallos meus, que a injuria antiga
Do rei de Balsoráh
Não pude inda vingar: fada inimiga
A protecção lhe dá
Hoje porem, ao principe, seu filho,
Que todas odiâmos,
Juraes seguir attentamente o trilho?
Juraes todas?

TODAS.

Juramos!

FADA.

Essa fada orgulhosa, que o proteje,
Debalde o guardará,
Meu laço armei, meu braço é quem o rege:
Por fim succumbirá.

E' verdade, socias. A fada branca proteje o filho do rei de Balsorah, esse chamado principe azul que viaja para distrahir uma paixão.

E' uma dessas paixões incognitas, indifinidas, mysteriosas, que se sonham e não se acham. Fui eu que lh'a inspirei. Um tormento desconhecido mina-o, matta-o: a sua morte, ou a sua perdição é quem me ha-de vingar da afronta cruel que me fez seu pae. Assim pois, vassallos meus, é necessario obedecer-me em tudo. A fada branca não dorme tambem. Cumpre que auxilieis zelosamente os projectos que já vos expliquei. Assim, não basta a força: é tambem necessaria a astucia. Aquelle ente mysterioso, cuja imagem verdadeiramente ideal eu estampei no coração do principe, só existe n'um ponto da terra. Importa desvial-o ou illudil-o. Obedecei pois: sabeis o resto.

CORO GERAL.

A' nobre rainha, que em sombras impera,
Os braços prestemos, que os braços são seus:
Vinguemos-lhe a afronta; no peito nos gera
Valor contra a terra, valor contra os ceus!

Seu preceito é lei sagrada.
Não se póde contrastar:
Seu contrario volte ao nada
Que nós temos de a vingar.

FADA.

Bem, ó genios da noite. E' vinda a hora.
Vosso zello ostentaes: provae-o agora.

(*os dois grupos, inteiramente separados,*

encerram no seu centro Lia e Samuel, que não pódem reciprocamente ver-se).

FADA.

(*indo a Samuel*) Samuel, queres fazer a tua fortuna?

SAMUEL.

Eu confesso que morro pela minha fortuna.

FADA.

Está feita.

SAMUEL.

Está feita, está feita... Intendamo-nos. Como?

FADA.

(*severa*) Duvidas da minha palavra?

SAMUEL.

(*submisso*) Não, senhora. Não duvido da sua palavra honrada. (*á parte*) Eu nunca a vi nem conheci. (*alto*) Mas é que nisto de negocios...

FADA

Eu não te proponho um negocio. Ou tragar-te a terra, ou obedecer-me. Escolhe.

SAMUEL.

(*rapido*) Está escolhido.

FADA.

Obedeces-me, não?

SAMUEL.

Peço perdão. Se eu obedecer, tenho alguma recompensa?

FADA.

O que tens visto affiança-te o que posso fazer.

SAMUEL.

A fallar a verdade o que eu tenho visto é mais para me cubrir de suores do que para me encher de esperanças.

FADA.

Ser-te-hia muito doloroso esquecer-te de Lia ?

SAMUEL.

Oh ! grande fada, esquecer-me de Lia ! (*de mãos postas e consternado*) Lia é a minha esperança, a minha vida, a luz dos meus olhos, o sonho das minhas noites, o cuidado dos meus dias. Lia traz-me dez mil sequins de dote.

FADA.

Terás vinte mil, trinta mil, quantos quizeres.

SAMUEL.

(*transportado*) Oh! poderosa fada, fada sublime, fada rainha das fadas, consinta que me prostre ás suas plantas. Acceito, acceito os cincoenta mil sequins que me offerece. Estou prompto a receber já esses sessenta mil sequins. Creio que me offereceu oitenta mil... Não ? Aceito, aceito.

FADA.

E has-de obedecer-me em tudo ?

SAMUEL.

De rastos, fada assombrosa. Noventa mil sequins! (*áparte*) E Lia que... (*alto á fada*) Eu sempre achei que Lia não me convinha. Um genio teimoso... A proposito de genio não sei se offendo alguns destes senhores... (*cortejando em roda*) Queiram desculpar, illustres génios! (*á fada, continuando*). Uma lingua de vibora, e um pae que dá esmollas de meio sequim. Diga, senhora, que ordena?

FADA.

Que não perguntes...

SAMUEL.

E' difficil.

FADA.

Que não discorras...

SAMUEL.

E' facil.

FAEA.

Que não não te admires de nada do que vires e ouvires.

SAMUEL.

Nem um um ponto de admiração!

FADA.

E que nunca desmintas o que te disserem.

SAMUEL.

Heide estar por tudo.

FADA.

A' mais leve imprudencia, á mais peque-

na indiscrição, verás logo abrir-se a terra para te sorver.

SAMUEL.

(*comsigo*) Cautella com os sorvedoiros!

FADA.

O teu castigo é certo: a tua recompensa será infallivel.

SAMUEL.

Acceito a recompensa.

FADA.

(*áparte, affastando-se depois de ter indicado Samuel aos genios*) Não me tinha enganado. As paixões dos homens são as verdadeiras molas do poder. (*vai a Lia. Em quanto se passa o dialogo com esta os genios apoderam-se de Samuel, e, volteando incessantes em torno d'elle, transformam-o completamente*)

FADA

(*a Lia*) Lia, eu preciso da tua obediencia; mas não quero a tua desgraça. Magoar-se-hia o teu coração. se te obrigassem a abandonar para sempre Samuel?

LIA.

(*quasi chorando*) Ah! Senhora, Samuel é o meu primeiro e unico amor. Dei-lhe todos os meus pensamentos, entreguei-lhe toda a minha alma. Abandonal-o! Oh! antes a morte. (*chorando*) Samuel é o mais rico mercador da cidade.

FAFA.

(*áparte*) São dignos um do outro. (*alto a Lia*) E se em vez desse mercador obscuro eu te fizesse unir a um potentado?

LIA.

(*limpando as lagrimas*) Rico?

FADA.

Que te trajasse de brocados, que te toucasse de perolas,

LIA.

(*sorrindo*) E ha um potentado que queira a minha mão?

FADA.

Acceitaval-o?

LIA.

Oh! fada portentosa, não me enganas? Leva-me, senhora, leva-me onde está esse visir. Quem me dera já vêr esse principe. Não foi um kalifa que me prometteste?

FADA.

(*sorrindo*) E Samuel?

LIA.

(*com despreso*) Samuel? Um mercador, um simples mercador com pouco mais de nada. Se soubesses o genio que elle tem! Um coração duro, uma indole ruim. (*á parte*) Queria-me arrecadar meio sequim!

FADA.

Obedecerás então a tudo quanto te ordenar?

LIA.

A tudo.

FADA.

Já deves fazer idéa do que posso. Vejas o que vires, ouças o que ouvires, nem te espantes de nada, nem negues nada. A' minima desobediencia affundo-te no seio da terra. Estremeces? Sabes que posso fazel-o.

LIA.

(*tremendo*) Sei.

FADA.

Em troca disto espera-te o mais brilhante destino.

LIA.

Quando principia?

FADA.

Agora o verás (*A mesma metamorphose, que teve logar com Samuel, effectua-se em Lia*)

O CORO (*no entanto repete*)
A' nobre rainha que em sonhos impera etc.

SAMUEL.

(*Do outro lado, passando a mão pela barba despovoada*) Nem o mais expedito barbeiro o faria melhor. (*mirando-se todo*) Bravo! que aceios! que esplendidos oiros! Aposto que isto custou mais de duzentos sequins!... Que desperdicio!

LIA.

(*do outro lado*) Que lindos brocados! que

joias! que.... E é meu tudo isto? E' para eu trazer sempre? Posso dispor destas coisas?

'FADA.

(*a Samuel*) As tuas provas vão começar (*a Lia*) Começo a tua fortuna. (*aos genios*) Segui-me. (*Samuel quer seguil-a*) Tu, fica.

SAMUEL.

(*parando*) Fico! (*os genios levam no meio de si Lia, toda inlevada. Lia, ao passar por Samuel faz-lhe mesura*).

LIA.

(*á parte*) Que lindo principe!

SAMUEL.

(*correspondendo-lhe, á parte*) Que formosa princeza!

SCENA V.

SAMUEL (*só.*)

SAMUEL.

(*imitando a fada*) Fica. Fiquei. Para que? Não sei. Mas tambem quem póde lá saber a razão do que fazem as fadas... Sempre me teem succedido coisas! Quem diria! Calluda, Samuel. A Fada ordenou que não te admirasses: não te admires! (*olhando para onde sahiu Lia*) Guapa donzella era aquella. E os olhos que me deitou! Pareceu-me até que lhe ouvi dizer: lindo principe! Lindo eu!

Nunca tinha dado por isso. Querem vêr que me transtornaram as feições, como me mudaram o trajo? (*apalpando o rosto*) E é verdade? Eu não tenho o nariz onde o tinha d'antes: está um pouco fóra do seu logar. Ah! fada travessa! E aquella pobre Lia... Que seria feito de Lia?.. Ora!.. (*encolhendo os hombros*) Ora! Em que estou eu agora a pensar?.. A proposito de Lia, (*apalpando o cinto*) querem vêr que... Oh! sanctos patriarchas!.. (*procura no chão, attento e afflicto*).

SCENA VI.

ABDALAH, CAÇADORES E SAMUEL.

ABDALAH.

(*correndo a elle*) Ah! meu principe.

SAMUEL.

(*erguendo a cabeça, attónito*) Hein? Conhece-me?

ABDALAH.

Que susto nos causastes! Já vos julgavamos perdido na caçada.

SAMUEL.

Como? perdido na caçá... (*á parte*) Oh! e a fada que me disse que não desmentisse nada. (*curva-se de novo e continua a procurar*)

ABDALAH.

Estavamos já verdadeiramente inquietos.

SAMUEL.

Muito obrigado. (*á parte*) Decididamente levaram-m'a os birbantes.

ABDALAH.

Como vos tinheis separado de nós... (*Samuel continua a procurar: Abdalah segue-o.*)

SAMUEL.

E' verdade: eu separei-me. Ainda estou a vêr de que me separei eu. (*á parte*) Separaram-me dos meus 25 sequins!

ABDALAH.

E como o bosque é espesso.... (*idem*)

SAMUEL.

E' espesso e creio que muito mal frequentado. (*á parte*) Querem vêr que tudo aquillo não foi mais do que uma tramoia para me levarem os sequins, está visto.

ABDALAH.

Que procura o meu principe?

SAMUEL.

(*com amarga ironia*) Nada, uma bagatella. (*muito exaltado*) Faça idéa o senhor?.. (*tranquillo*) Como é a sua graça?

ABDALAH.

Não conheceis o vosso fiel Abdalah?

SAMUEL.

(*rindo, contrafeito*) E' verdade! Esta agora! Eu sem conhecer o meu fiel Abdalah! Pois meu fiel... Salamaleh.

ABDALAH.

Abdalah!

SAMUEL.

Isso... Absalão. Imagine que por mais que procure. . (*consternado*) não acho.

ABDALAH.

O que?

SAMUEL.

A minha bolsa.

ABDALAH.

E é só isso?

SAMUEL.

Como? só isso? Pois ainda queria mais?

ABDALAH.

Que importam uns sequins mais ou menos a um principe como vós.

SAMUEL.

Mas olhe que eram 25... 25!

ABDALAH.

E estaes preoccupado por isso! Nunca vos vi assim.

SAMUEL.

(*ingenuamente*) Nem eu: se quer que lhe falle a verdade, nunca me vi assim. Desconheço-me.

ABDALAH.

Não tem acaso as bolsas dos seus servos?

SAMUEL.

(*vivamente*) Tem razão: é uma boa lem-

brança. (*á parte*) Tem grandes lembranças este meu fiel... Melchisidec!

ABDALAH.

A minha, em primeiro logar.

SAMUEL.

Acceito, acceito. A sua, e mesmo, mais algumas. (*estende a mão*)

ABDALAH.

Quereis fazer-me essa honra, meu principe? (*offerece-lh'a — Samuel verifica-a*)

SAMUEL.

(*á parte*) E cheia! Estou hoje disposto a conceder muitas honras (*estende a mão*).

ABDALAH.

(*pede com o gesto a bolsa a um dos caçadores e entrega-a a Samuel*) Aqui está.

SAMUEL.

Agradecido. (*este manejo é repetido até que Samuel juncta no cinto um enorme volume de bolsas: no entanto vai dizendo á parte*). Boa gente, excellente gente! Parece-me que me heide dar muito bem na minha nova posição. Oh! grande fada!... e eu que me atrevia a accusar os teus companheiros (*alto*) Não reparem... é que eu tenho de fazer hoje certas despezas. (*estende a mão*)

ABDALAH.

Tudo o que nós temos vos pertence.

SAMUEL.

(*á parte*) Sempre é bom saber.

SCENA VII.

OS MESMOS E AGAR.

ABDALAH.

Agar, aqui!

SAMUEL.

(*olhando Agar com desconfiança, para Abdalah*) Quem é este subjeito?

ABDALAH.

Gracejaes de certo, principe: estáes hoje desconhecendo os vossos servos: este é Agar, o capitão das guardas.

SAMUEL.

Ah! este é o capitão das guardas!

ABDALAH.

(*a Agar*) Que é o que vos traz a estes sitios?

AGAR.

(*a Samuel*) Uma ordem do sultão vosso pae, meu principe.

SAMUEL.

(*muito admirado*) Do sultão meu pae!... (*cahindo em si*) Ah! é verdade... E então como vai lá de saude, o sultão meu pae?

AGAR.

O propheta digna-se conceder-lhe todos os dons.

SAMUEL.

Olhe cá, meu fiel... Roboão.

ABDALAH.

(*espantado*) Abdalah!

SAMUEL.

Justo : Eleazar. Olhe cá, desculpe a minha curiosidade: onde é que fica o reino do sr. meu pae.

ABDALAH.

(*attonito*) O principe é senhor: pode zombar de nós; mas é incrivel que ignore o nome dos poderosos estados de Balsorah que obedecem ás sabias leis do sultão seu pae?

SAMUEL.

E' isso, é isso. E' que eu tenho esta cabeça!... (*a Agar*) Que ordena então el-rei meu pae?

AGAR.

Os exercitos de Balsorah entraram vencedores no visinho reino de Azrain, que tinha recusado pagar o costumado tributo : el-rei entrega ao principe o governo delle, para o distrahir da sua profunda melancholia e habitual-o aos cuidados do throno. Abdalah será o grão-visir e principal conselheiro.

ABDALAH.

(*prostrando-se lhe aos pés*) Ah ! senhor, tanta honra !

SAMUEL.

Agradeça a meu pae! (*erguendo-o*) Olhe lá, o que disse elle da minha profunda melancolia?

ABDALAH.

Felizmente vejo que está já dissipada.

SAMUEL.

(esfregando as mãos) Se eu nunca estive tão contente.

ABDALAH.

Quando partimos?

AGAR.

Tenho ordem de vos conduzir já. Tudo está preparado para receber-vos. São apenas algumas horas de caminho. Se a vontade do principe não se oppõe...

SAMUEL.

O que quizerem... estou pelo que quizerem... *(á parte)* Oh! fada admiravel... Um reino! Um reino! Que negocio!

ABDALAH.

Quando voltardes a Balsorah, podeis dizer a elrei o estado em que vistes o principe. Podeis-lhe affiançar que a sua cura é infallivel. Em poucos momentos a transformação foi completa.

SAMUEL.

E' verdade: foi completa.

ABDALAH.

A sua profunda e implacavel tristeza trocou-se n'um contentamento que nos enche de regosijo.

SAMUEL.

E a mim tambem.

ABDALAH.

(com modestia) Até já nos fez a honra de se divertir comnosco !

SAMUEL.

(batendo-lhe no hombro) Ora o meu fiel... Jerobabel !

ABDALAH.

(para Agar) Bem o vêdes!

AGAR.

A dôr consumia os dias do magnanimo sultão por vêr o principe naquelle doloroso estado.

SAMUEL.

Sim ? *(á parte)* Que estado seria o meu?

AGAR.

Principe, o meu dever é voltar quanto antes a levar-lhe estas bôas novas. Quereis acompanhar-me ?

SAMUEL.

Com todo o gosto. *(partem, pára)* Vamos a saber. Os caminhos são seguros ? *(com as mãos no cinto)*

ABDALAH.

Não estamos aqui todos para morrer por vós ?

SAMUEL.

Lá isso sim, é o mesmo. *(áparte)* O que eu não quero é morrer com elles. *(alto)* Em fim, vamos. *(partem : ao sahir esfregando as mãos)* Eu deixo-me ir; eu deixo-me ir ! *(sahem)*

SCENA VIII.

(entrá o principe azul, trajando exactamente como Samuel. Olhos no chão: todos os signaes da mais profunda melancolia. Adianta-se lentamente. A orchestra preludia em surdina o motivo da apparição, que vem depois, acompanhado d'um tremolo)

PRINCIPE.

E' um sonho, talvez; mas este sonho hade matar-me. Sempre, sempre aqui! *(mão no peito)* Sempre aquella imagem adoravel, que procuro em toda a parte, que em nenhuma parte encontro!... Não posso mais. Vai-se-me a vida n'este esperar que desespera. Será apenas uma visão da minha morbida phantasia? Será: mas eu ia desposar a mais poderosa sultana do oriente, e por esta visão esqueci tudo. Os zelos da princeza de Ispahan perseguem-me sem cessar, perseguir-me-ha talvez em breve a vingança dos seus, e eu tudo desprezo por uma criação ideal, por um ente impossivel. E meu pae? meu pae morre tambem da minha dôr! Ainda agora, quando me separei dos meus caçadores para me internar no bosque, era esta imagem que me arrastava, era para pensar n'ella á vontade que eu buscava a solidão. Via-a, como a vejo nas saphiras do ceu, entre as nuvens dos perfumes, nas danças dos escravos, na suave palidez das perolas, no ardente reflexo dos ru-

bis, em todas as maravilhas do Harem. Sinto-me cançado. Gastaram-se-me as forças. Reponsar-me-hei aqui até que venham os meus caçadores. Oh! se não fora meu pae, eu proprio dêra fim a este tormento. *(senta-se ao pé da fonte)* Quem me tirará d'esta incerteza? Será uma imaginação? Será uma realidade? *(adormece gradualmente. A orchesta preludia em surdina, e vai progressivamnte crescendo sem todavia exceder um* piano *moderado, que se prolonga durante toda a apparição. Da bacia da fonte começa a erguer-se uma especie de nevoeiro tenue e brilhante; vai tomando corpo e do meio delle surge pouco a pouco uma donzella immovel, cabellos soltos, mãos cruzadas no peito, vestida toda de branco, coroa de rozas brancas; a sua pallidez é extrema: o principe parece vel-a em sonhos)*

PRINCIPE.

E' ella... é a minha dolorosa e resignada visão, a minha constante e formosa imagem... E's tu... és tu, branca rozà d'amor, que de amor só me dás os espinhos? *(a visão tem-se desvanecido pouco a pouco)* Oh! não me fujas hoje, como me foges sempre sem te poder dizer: eu te amo! sem poder clamar no santo e puro affecto da minha alma: eu morro, e morrerei por ti. *(a orchestra tem continuado em surdina. A visão sumiu-se de todo. O*

principe accorda) Vi-a.. era ella! Ella! sempre ella! Vellando ou dormindo, ella sempre! Não haver ninguem que me diga se é uma realidade ou um sonho? *(surje atraz d'elle ama camponeza)*

SCENA IX.

O MESMO, E A CAMPONEZA.

CAMPONEZA.

(batendo-lhe no hombro) Ha!

PRINCIPE.

Quem sois vós?

CAMPONEZA.

Quereis ouvir um conto, meu principe?

PRINCIPE.

De que me servem a mim os vossos contos?

CAMPONEZA.

E se o conto responder ao que vós com tanta ancia perguntaveis?

PRINCIPE.

Dizei, dizei.

CAMPONEZA.

« O conto que vou contar-vos
« Em que tempo foi, não sei;
« Sei, porém, que por amar-vos
« O meu conto contarei.

« Era um principe uma vez,
« E mancebo por signal,
« Que os mil bens qne Deus lhe fez
« Tornou todos em seu mal.

« Riquezas, não lhe faltavam;
« Fortunas, tinha-as sem par :
« Lisonjas de que o cercavam
« Soube em verdades trocar.

« Das paixões nunca os aballos
« Vibraram no peito seu :
« Deu-lhe a terra os seus regalos,
« A ventura deu-lh'a o ceu.

« Uma orgulhosa princeza
« Sua sultana quiz ser;
« Não tinha rara belleza,
« Mas dava raro poder.

« Podia tornar contente
« A mais sedenta ambição;
« Que o grão sceptro do Oriente
« Levava na regia mão...

PRINCIPE.

Quando no meio dessas idéas de gloria e de grandeza, uma subita paixão...

CAMPONEZA.

« Quando uma negra paixão
« Negros, negros fez seus dias;
« Que nem dias hoje são,
« São tristes noites sombrias.

« Sonhos d'amor sem esp'rança
« Desesp'rado agora o tem:
« A causa desta mudança
« Não na sabe inda ninguem. . .

PRINCIPE.

Vieram de repente esses sonhos. . . sem o cuidar, sem o desejar. . .

CAMPONEZA.

« N'uma hora triste e vaga
« De vago e triste scismar:
« Se a memoria não se apaga,
« Deve-se a esp'rança apagar. . .

PRINCIPE.

Oh! de todo.

CAMPONEZA.

(*gentilmente*) Se me interrompeis. . .

PRINCIPE.

Continuae.

CAMPONEZA.

« Não tinha pois esperança
« Que já não podia esp'rar;
« Mas, se a magoa se não cança,
« Póde o destino cançar.

« Quando menos o pensava
« Uma fada encontrar vem;
« Boa fada que vellava,
« Que vellava por seu bem!

Accreditaes nas fadas, principe?

PRINCIPE.

Meu pae ensinou-me a crer n'ellas como no propheta.

CAMPONEZA.

Vosso pae é um sabio e justo varão. (*proseguindo*) O principe encontrou pois uma fada que lhe disse....

PRINCIPE.

(*ancioso, erguendo-se*) Que disse a fada?

CAMPONEZA.

Disse: a belleza dos teus sonhos existe.

PRINCIPE.

(*n'um grito d'alegria*) Ah!

CAMPONEZA.

Existe, mas terás tu a coragem de affrontar todos os perigos que é preciso vencer para vel-a e possuil-a?.. e todos os mais que um poderoso inimigo de certo te suscitará?

PRINCIPE.

Se eu perdia a vida por não vêl-a, que muito que a perca para vêl-a?

CAMPONEZA.

Bem. A fada continuou a dizer ao principe: um sortilegio infernal guarda essa formosa realidade das tuas visões. Ao tornear

estes rochedos... fallava-lhe ao pé d'uns rochedos como estes, por exemplo... ao tornear éstes rochedos hasde encontrar um jardim.

PRINCIPE.

(*querendo partir*) Vou já...

CAMPONEZA.

Suspendei. E podereis vencer os obstaculos? A' porta do jardim véla um dragão que vomita chammas, e cujo dorso resiste á mais afiada lança, e á setta mais aguda.... Quem podesse entrar no jardim veria n'uma arvore de esmeraldas tres cidras de oiro. Morto o dragão, seria facil colhel-as...

PRINCIPE.

(*ancioso*) Depois?

CAMPONEZA.

Depois... Só um punhal feito d'um só diamante poderia cortar os fructos de oiro... Mas quem chegasse a cortal-os, veria...

PRINCIPE.

O que? o que?

CAMPONEZA.

Cada um dos fructos incerra o incantamento d'uma princeza... e, entre essas princezas, está...

PRINCIPE.

Acabae.

CAMPONEZA.

O teu sonho.

PRINCIPE

Oh!...(*partindo, e voltando logo*) Onde hei-

de eu achar armas para vencer o dragão? Onde heide encontrar esse punhal mysterioso que todos os thesouros de meu pae não poderiam pagar?

CAMPONEZA.

Principe, desconfiastes de vós, pensastes que um homem só não póde vencer o impossivel. Foi isso que vos salvou. Se um poder vos persegue outro vos protege. (*desapparece na rocha*)

SCENA X

O PRINCIPE (*só.*)

PRINCIPE.

Será verdade? Poderei eu conhecer emfim esta sombra feiticeira que me fugia a cada hora, e voltava a cada instante? Mas onde está essa caridosa camponeza que parecia enviada pelos espiritos celestes? Dar-se-ha caso que tudo isto fosse unicamente um sonho, um sonho tambem, um sonho como aquelle!

SCENA XI.

A CAMPONEZA E O DICTO, *isto é, a fada branca no seu verdadeiro trajo. Traz na esquerda um punhal de diamante, na direita uma lança de oiro.*

FADA.

Sempre duvidas, principe! A duvida é a vida dos homens.

PRINCIPE.

Oh! sois vós, senhora. (*prostrando-se-lhe*

aos pés) Sois de certo a boa fada do meu destino.

FADA.

Erguei-vos e ouvi-me. Com esta lança vencereis o dragão. Com este punhal podeis abrir os fructos. Mas a victoria será inutil, mas os fructos ficarão perdidos, senão poderdes satisfazer a primeira cousa que as donzellas vos pedirem.

PRINCIPE.

Ah! Sr.ª, e não me revellareis vós...

FADA.

Só abrireis os fructos ao pé d'uma fonte. Não posso dizer-vos mais. Parti.

PRINCIPE.

Parto, senhora, e hei-de triumphar. Serei digno dos vossos beneficios e digno della... dessa mulher, ou d'esse mysterio, que eu sonhei, e que vós me daes!... *(parte, cheio de ardor.)*

SCENA XII.

A FADA BRANCA, *(só)*

Ás trevas, minhas contrarias,
Eu hei-de vencer assim.
Suas astucias são varias;
Mas eu tenho os ceus por mim.
Deu-me um raio o sol por lança,
O seu brilho os olhos cança;
Por que n'essa regia herança
Fulge da aurora o carmim.

Pelo ethereo espaço habito
Como a roza em seu rozal.
Reino e vivo no infinito.
E' meu carro triumphal
A limpha que se desata,
Quando, nas aguas de prata,
Meus puros astros retrata
Nos seus astros de chrystal.

Ao amor, que é luz e chamma,
Eu a luz e a chamma dei.
Protejo o amor. Por quem ama
Meu poder empenharei.
Ide, espiritos brilhantes,
Oh! meus genios rutilantes,
O mais fiel dos amantes
Nos seus riscos soccorrei.

(*Traça um circulo no ar, para o ceu, com o venabulo de oiro. Ouve-se immediatamente um coro celeste, ao qual corresponde outro côro subterraneo, indicando a lucta dos incantos das duas fadas*).

CORO CELESTE.

Não hesitam na victoria
Os nobres filhos da luz:
Se elles dão ao mundo a gloria,
E' a gloria que os conduz,

CORO SUBTERRANEO.

Terão as sombras victoria
Contra os filhos vãos da luz:
Hão-de roubar-lhes a gloria
Que em balde a gloria os conduz!

ALTERNADO.

CORO SUBTERRANEO.

Esforço, irmãos, triumphamos!

CORO SUBTERRANEO.

Vencemos, irmãos, ardor!

CORO CELESTE.

As nossas forças provâmos!

CORO SUBTERRANEO.

Provamos nosso valor!

UNIDOS.

CORO CELESTE.

Não hesitam na victoria
Os nobres filhos da luz
Se elles dão ao mundo a gloria
E' a gloria que os conduz.

CORO SUBTERRANEO.

Terão as sombras victoria
Contra os filhos vãos da luz:
Ham-de roubar-lhes a gloria,
Que em balde a gloria os conduz.

(a Fada está só em scena, e segue com ancidade as indicações desta alternativa: no final cahe com o joelho em terra, e exclama para o ceu.)

FADA.

Tu, que os genios do mundo avassalados
Guias a teu sabor;
Tu que os successos tens na mão fechados
Escuta-me, Senhor.

Proteje o que eu protejo. Que podemos
Ao pé d'um gesto teu?
Homens, genios, de ti todos pendemos:
Ouve, Senhor...
(*grande e lugubre som.*)
(*ergue-se de subito, exclamando:*)
Venceu!
E' força; parto já, veda-me a sorte
Que mais possa dizer.
Entrego-to, Senhor. Teu braço é forte
Contra injusto poder. (*sahe*)

SCENA XIII.

O PRINCIPE (*entrando*), AS TRES CIDRAS (*successivamente.*)

PRINCIPE.

Victoria, victoria!.. A féra assombrosa cahiu ao primeiro golpe. (*indica os tres fructos*) Aqui estão as tres cidras preciosas... aqui está o punhal... alli a fonte.. Oh! vamos, vamos! (*á borda da fonte*) Poderei eu emfim vêr a tua realidade, ó suspensão dos

meus sentidos? (*parte a 1.ª cidra, e deixa-a cahir na fonte: surje della uma donzella com as indicações da visão.*

1.ª CIDRA.

Dae-me agua senão morro! (*o Principe vai a tomar agua na fonte, a fonte secca-se*)

PRINCIPE.

Morrereis senhora, que não tenho agua. (*a donzella desapparece com um leve grito*)

1.ª CIDRA.

Ai!

PRINCIPE.

E' pena. Mas não era ella ainda. (*parte a 2.ª cidra, repete-se o mesmo*)

2.ª CIDRA.

Dae-me agua senão morro! (*o Principe vai a tomar agua na fonte, a fonte secca-se.*)

PRINCIPE.

Morrereis senhora, que me fugira a agua. (*a donzella desapparece.*)

2.ª CIDRA.

Ai!

PRINCIPE.

Não era ella ainda; mas era mais formosa que a primeira. Só esta me resta. E' esta que devè ser. Tenho aqui todas as minhas esperanças. E como hei-de eu fazer senão poder acudir ao seu pedido? Oh! (*como lem-*

brando-se. Enche o gorro de aço d'agua da fonte) Vejamos agora. *(põe o gorro de lado. Parte a 3.ª Cidra.)*

3.ª CIDRA.

Dae-me agua, senão morro!

PRINCIPE.

Vivei, senhora, para me dar vida. *(no mesmo momento o fundo de rochedos desinvolve-se na fachada deslumbrante d'um palacio de christal. A fonte rude transforma-se n'um lago explendido. Caem os véos da donzella, e apparece brilhantemente trajada de branco. De todos os pontos do jardim veem donzellas ao encontro da 3.ª Cidra. O Principe recua attonito á vista de taes maravilhas.)*

PRINCIPE.

Que vejo!.. E' ella! é ella!.. Ah! desta vez a minha ventura não será um sonho! *(vai a arrojar-se para a princeza desincantada, ergue-se da terra um denso nevoeiro que lhe toma o passo. O Principe recúa espavorido. O côro subterraneo recomeça em quanto cahe o pano.)*

CORO SUBTERRANEO.

E' das sombras a victoria
Contra os filhos vãos da luz!

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO II.

Os jardins n'Azrain. Um terrasso com balaustrada ao fundo: por baixo do terrasso uma fonte. A' direita um caramanchão. A' esquerda um banco de pedra rodeado de verdura.

SCENA I.

FADA NEGRA (*trajando de escrava*)

FADA.

« Essa fada contraria, que me aperta,
« Quer em vão contrastar o meu poder:
« Se a porfia é longa, a victoria é certa;
« Sombras, folgae! combato: heide vencer!
« Ai! rainha da luz, loucos intentos
« Do teu fatal arrojo punirei:
« Astucia e força, seducção, tormentos
« Emprego junctos, e applical-os sei!
« Debalde ao meu condão oppor-se eu vejo
« Outro fero condão, condão rival:
« Inspira-me o furor, sobra o desejo:
« Do vão conflicto surgirá seu mal.
« Se a princeza foi já desincantada,
« Se o principe venceu de Balsorah,
« Meu sceptro estendo, a victoria é nada:
« De novo em minhas mãos seu fado está!
« Não: unir-se não hão-de. Essa ventura
« Que iam quasi gozar, converto em dôr.
« D'uma traça infernal na rede obscura
« Perder-lhes faço seu sonhado amor!

« Essa cidra incantada, essa princeza,
« Eil-a de novo entregue ao braço meu ;
« Para longe a desterro. Amor, belleza
« Que importam já ? Passou. Tudo esqueceu ?
« Do Eufrates ao Tigre, do Oriente o sólo
« Submisso ao meu poder curva a cerviz.
« Tudo pois domarei : na furia ou dólo,
« Por socios tenho os genios maus d'Eblis !
« D'uma falsa princeza ergo a vaidade,
« Um principe fallaz surgir farei :
« Uno o ignoto ao real : sumo a verdade.
« E' assim que se vence. Vencerei !

SCENA II.

SAMUEL, ABDALAH, A FADA NEGRA (*dous pequenos escravos negros conduzem uma almofada de veludo, adiante de Samuel : Samuel segue-os, ao seu lado um pouco atraz Abdalah*)

SAMUEL.

(*pavoneando-se na sua ridicula soberania*) Então dizieis meu fiel, Zacharias...

ABDALAH.

Abdalah !

SAMUEL.

E' o mesmo. Dizieis... (*a fada curva-se na sua passagem, cruzando as mãos sobre o peito*) Que vens aqui fazer, escrava ?

FADA.

(*mostrando o seu cantaro que está sobre o parapeito da fonte*) Encher o meu cantaro á fonte... encher o meu cantaro para regar as flores da princeza.

SAMUEL.

Escravas que regam flores!... A princeza póde passar sem os teus serviços. (*para Abdalah*) São boccas inuteis.

FADA.

(*áparte*) Nunca te emendarás, vilão!

SAMUEL.

Que dizes?

FADA.

(*cravando-lhe os olhos*) Que Allah vos tenha da sua mão. (*curva-se de novo, vai buscar o seu cantaro e sahe*)

SAMUEL.

(*seguindo-a com os olhos*) Esta escrava sempre tem um olhar que apunhal-a. (*a Abdalah*) Pois não lhe parece que são despezas escusadas.

SCENA III.

SAMUEL, ABDALAH.

Mas que não podeis escusar, meu principe. Quando entrámos n'este palacio viemos achar a princeza Zobeida, que parecia ter perdido a memoria de tudo, excepto de vós;

a quem ella immediatamente reconheceu exclamando : é o meu principe azul.

SAMUEL.

Ah!! exclamou: é o meu principe azul! Pois eu não tenho nenhumas idéas d'ella.

ABDALAH.

Não quero disfarçar-vos nada, principe.

SAMUEL.

E' justo. Não disfarce, não : adiante.

ABDALAH.

Julgou-se por muito tempo que a princeza Zobeida estivera...

SAMUEL.

Estivera ?...

ABDALAH.

Incantada!

SAMUEL.

(*dando um pulo*) Como ? Incant... (*áparte*) Como eu! tal e qual como eu!

ABDALAH

Mas agora se vê que não. Estava... (*suspende-se. Samuel olha para elle pasmado. Depois de silencio, pergunta sem comprehender*)

SAMUEL.

Estava ?...

ABDALAH.

Pois não advinhaes ?

SAMUEL.

Confesso que a minha intelligencia não poude ainda penetrar bem...

ABDALAH.

Estava n'este palacio, no palacio do principe de Azrain, que os vossos exercitos derrotaram.

SAMUEL.

(*attonito*) Ora, ora o principe de Azrain! E ella que diz!

ABDALAH.

Não se lembra de nada, ou não quer lembrar-se... depois que vos viu.

SAMUEL.

Depois que me viu, hein? (*áparte*) Olhem o que são as transformações!

ABDALAH.

Não falla senão no principe azul.

SAMUEL.

E o outro então? Mulheres, mulheres.., O que são as mulheres!

ABDALAH.

Eu não quero disfarçar-vos nada, meu principe.

SAMUEL.

E' isso mesmo: continue a não disfarçar cousa nenhuma.

ABDALAH.

Os estados da princesa Zobeida são os mais poderosos do Oriente, depois dos da princesa de Ispahan.

SAMUEL.

Da princesa de...?

ABDALAH.

Ispahan.

SAMUEL.

Ispahan? E quem é a princesa de... Ispahan?

ABDALAH.

Pois não vos lembrais?

SAMUEL.

Ora se lembro!

ABDALAH.

Aquella princesa que vós... *(encara-o sorrindo com malicia)*

SAMUEL.

(sorrindo tambem, e encarando-o sem intender) Aquella princesa que eu?... Lembro, lembro. *(serio)* Adiante.

ABDALAH.

O pae de Zobeida é morto.

SAMUEL.

Peior para elle. Mas que tenho eu com isso?

ABDALAH.

Zobeida é a Sultana do vasto reino que a espera.

SAMUEL.

Sim?

ABDALAH.

Por consequencia, unidos os vossos estados aos seus...

SAMUEL.

Faziam uns poucos de estados.

ABDALAH.

Faziam o mais poderoso imperio do Oriente.

SAMUEL.

E então que quer isso dizer?

ABDALAH.

Quer dizer que el-rei vosso pae não se lhe dava de vos deixar á testa d'esse imperio.

SAMUEL.

Ah! eu não me opponho.

ABDALAH.

Mas para isso é necessario...

SAMUEL.

E' necessario?

ABDALAH.

Que o principe de Balsorah olhe para a princesa Zobeida, como a princesa Zobeida olha para o principe azul.

SAMUEL.

Começo a perceber.

ABDALAH.

São estes os mais ardentes desejos d'el-rei vosso pae.

SAMUEL.

Obrigado á attenção. *(depois de pensar, como n'uma subita lembrança)* Ah!

ABDALAH.

(inquieto) Que é?

SAMUEL.

E o outro?

ABDALAH.

Qual outro!

SAMUEL.

O outro possuidor deste palacio, o principe d'Azrain!

ABDALAH.

O que nós derrotámos?

SAMUEL.

Isso mesmo... o que nós derrotámos.

ABDALAH.

Então que tem?

SAMUEL.

Não me disse que a princeza já cá estava quando chegámos?

ABDALAH.

Estava. Presume-se que a guardava o principe.

SAMUEL.

(coçando a orelha) E ella que diz a isso?

ABDALAH.

Nada.

SAMUEL.

Nada? Pois ahi tem: quando as mulheres se callam...

ABDALAH.

A princeza parece ter perdido a memoria de tudo.

SAMUEL.

Se quer que lhe falle a verdade, meu fiel... Nicomedes, antes queria que ella tivesse estado incantada.

ABDALAH.

(*admirado*) Porque?

SAMUEL.

Porque? Essa é bôa. Ainda m'o pergunta?

ABDALAH.

Esses receios são bons para os barbaros do occidente: são indignos de um principe como vós. A civilisação do oriente oppõe-se a taes escrupulos.

SAMUEL.

(*convencido*) Ah! isso então é outra cousa.

ABDALAH.

A princeza não faz senão perguntar pelo seu principe. El-rei vosso pae quer. Que mais é preciso? Não olhastes para ella? E' formosa como as huris do propheta.

SAMUEL.

Se quer que lhe diga, nos poucos instantes em que a tenho visto não reparei bem. O que mais me absorve a attenção é...

ABDALAH.

A elegancia da sua figura?

SAMUEL.

O cinto de perolas que ella traz. Val, pelo menos... 100$000 sequins.

ABDALAH.

Que é isso ao pé da sua belleza... e dos seus dominios?

SAMUEL.

Fallaremos, fallaremos. Não me dizia, meu fiel... Ezaú...

ABDALAH.

Abdalah. Mas se o principe faz muito gosto em me trocar o nome.

SAMUEL.

Não me dizia que tinhamos de tractar negocios serios?

ABDALAH.

Sim, meu principe: eu propuz que se quizesseis dar alguns momentos do vosso repouso ao exame das coisas importantes dos vossos novos estados...

SAMUEL.

Logo aqui!

ABDALAH.

No retiro destes jardins, o segredo é talvez mais bem guardado (*indica o caramanchão*) Alli temos um logar proprio.

SAMUEL.

Pois bem: darei o meu descanço a essa fadiga.

ABDALAH.

Poderia citar-vos innumeraveis exemplos de grandes principes que tractavam os negocios dos seus vassalos nos jardins, nos bos-

ques, e em varios outros logares. O sultão Abul-Ezim, um dos vossos antepassados...

SAMUEL.

Um dos meus antepassados? Havia de ser muito distante.

ADALAH.

A kalifa Haroun Al-Raschid, e até o mesmo imperador Ali...

SAMUEL.

O imperador Ali não vem nada para aqui. Já que assim o desejaes... vamos aos negocios do estado! Eu não sou principe só para andar a abrir a bocca, e crusar as mãos debaixo dos braços. (*vão para o caramanchão. Samuel senta-se. Abdalah fica de pé. Um dos escravos tem posto a almofada no banco em que se assenta Samuel encrusado. Outro traz-lhe um immenso cachimbo. Abdalah tira d'um enórme cofre, que trazem os escravos, uma quantidade de pergaminhos de que inunda o chão*).

SAMUEL.

Tudo isso! como é que se intende com essa farrapada, meu fiel... Daniel?

ABDALAH.

Faço a diligencia, meu principe. Invoco o espirito do propheta para me guiar no meio da obscuridade.

SAMUEL.

O espirito do propheta deve ter muito que fazer!

ABDALAH.

Meu principe, dae-me attenção.

SAMUEL.

(bocejando) Aaah! Dou-lhe attenção.

ABDALAH.

Vou fazer-vos um discurso.

SAMUEL.

Para que?

ABDALAH.

E' que não ha governo sem discurso.

SAMUEL.

Isso é outra cousa. *(bocejando mais forte)* Aaah!... Diga.

ABDALAH.

(solemne) O bem dos seus vassallos deve ser o primeiro cuidado dos principes!

SAMUEL.

Isso é velho. *(á parte)* Se foi para isto que o senhor meu pae me deu um grão-visir!... *(alto)* Continue.

ABDALAH.

O estado em que se acham os vossos novos dominios exige as mais serias attenções. A guerra civil dilacerou tudo, quebrou todos os laços, interrompeu todas as tradicções. A lucta foi longa, o remedio hade ser difficil.

SAMUEL.

E' verdade, as difficuldades do remedio podem servir de desculpa a muita cousa.

ABDALAH.

(*continuando*) Este paiz carece de tudo. A necessidade das reformas faz-se sentir em todos os ramos. São precisas grandes modificações, são urgentes providencias infinitas... o que nos dá perfeitamente o direito de não fazer cousa nenhuma!

SAMUEL.

(*á parte*) E' muito elloquente este meu grão-visir! (*alto*) Continue que estou incantado.

ABDALAH.

(*exaltando-se, com grande solemnidade*) Apesar das ruinas em que tropeçamos a cada passo, apesar dos obstaculos que nos oppõem inimigos incarniçados e mysteriosos, apesar de todos e de tudo, havemos de manter neste paiz uma paz geral, uma concordia exemplar, e uma dieta permanente, que hade ser a mais salutar triaga contra os impestados adversarios do nosso grande, benefico, e indisputavel poder.

SAMUEL.

(*bocejando e cabeceando*) Aaaah! estou a cahir de somno. Estes discursos para algüma coisa ham-de servir.

ABDALAH.

Concluindo, meu principe...

SAMUEL.

Já era tempo.

ABDALAH.

Concluindo, passo a submetter-vos o estado do estado.

SAMUEL.

Venha isso. Em que estado está o estado ?

ABDALAH.

Em primeiro logar, os cofres estão exhaustos.

SAMUEL.

Bom remedio : é receber muito e pagar pouco.

ABDALAH.

(*inclinando-se*) Fallou pela vossa bocca a sabedoria do propheta.

SAMUEL.

Bem, bem. Que mais ha ?

ABDALAH.

Alguns inimigos do socego publico teem attentado contra a ordem, commettendo escandalos inauditos.

SAMUEL.

Ah !... ah !... Elles commettem escandalos !

ABDALAH.

Assim, é preciso punil-os exemplarmente. Aqui está a lista dos principaes implicados.

SAMUEL.

E' muito comprida, a lista ?

ABDALAH.

465§389 nomes. (*desinrola uma lista enorme*)

SAMUEL.

C'o a fortuna! E' quasi toda a população dos meus poderosos estados.

ABDALAH.

(*lendo*) Ali-Bu-Jacob, reo d'alta traição por dizer no Caravenserai de Bagdad que o governo d'Azrain... Não sei se o repita!...

SAMUEL.

Repita. (*magestosamente*) Eu sou superior a essas coisas,

ABDALAH.

Que o novo governo d'Azrain... tinha mãos, mas não tinha olhos.

SAMUEL.

Ah! disse isso!

ABDALAH.

Que pena se lhe deve impôr?

SAMUEL.

Confisco... em proveito do estado (*áparte*) O estado sou eu!

ADDALAH.

Ibrahim Juzuf...

SAMUEL.

Confisque.

ABDALAH.

Mulei-Acbar, filho de Morad-Ezim.

SAMUEL.

Confisque.

ABDALAH.

Manassés, pae de Samuel, mercador de lãs de camello na cidade de Ekmud.

SAMUEL.

Como ?

ABDALAH.

Manassés, pae de Samuel...

SAMUEL.

Conheço, conheço. Então que fez Manassés ? (*áparte*) Que faria meu pae!

ABDALAH.

Aproveitou-se da confusão para não pagar o imposto.

SAMUEL.

(*á parte*) Oh! espirito de familia!

ABDALAH.

Confiscado ?

SAMUEL.

(*vivamente*) Nada, nada. (*á parte*) Lá se ia o patrimonio, e a gente não sabe o que ha-de succeder.

ABDALAH.

Então... empalado ?

SAMUEL.

Empalado! Safa como é expedito o meu fiel... Jeremias.

ABDALAH.

Mas, recusar o imposto!..

SAMUEL.

E' um crime grave, convenho... Diga lá, não se lhe póde fazer a vista grossa?

ABDALAH.

E o desfalque?

SAMUEL.

Outro que pague dobrado: fica uma coisa pela outra.

ABDALAH.

E o exemplo?

SAMUEL.

O exemplo? Ah!.. Ah! o exemplo?.. o exemplo!.. Não sei... O essencial é que eu quero que o velho Manassés não pague d'ora em diante imposto nenhum. Tenho cá uma certa queda por aquelle pobre de Manassés... e pelo filho sobre tudo. Não me disse que se precisava de reformas?.. Ahi tem já uma reforma.

ABDALAH.

Os vossos desejos são leis para mim.

SAMUEL.

Muito bem. Assim é que eu quero vêr sempre, o meu fiel Jonathas para discutirmos entre ambos o bem dos meus vassalos. Agora adiante.

ABDALAH.

Mohammed-ben-Elliad.

SAMUEL.

Confisque... confisque.. Escusa de dizer mais... confiscado tudo! *(erguendo-se)*.

ABDALAH.

São tres quartas partes do povo que ficam a pedir esmolla.

SAMUEL.

E' para lhes provar a minha misericordia.

ABDALAH.

Tendes razão: podieis mandal-os empallar a todos. Agora, meu principe, se quereis, podemo-nos recolher aos vossos paços. El-rei vosso pae não faz senão recommendar-me os maiores desvellos pela vossa saude. Ainda na ultima mensagem que delle recebi me fazia responsavel pela vossa conservação. . sobre a minha cabeça.

SAMUEL.

Pois então vamo-nos embora... em attenção á vossa cabeça. A cabeça d'um vizir é uma coisa preciosa. (*entretanto Abdalah tem recolhido os pergaminhos. A um signal seu correm os escravos que levam o cofre. Vão a sahir*).

SCENA IV.

OS DITOS E AGAR (*correndo coberto de poeira ao encontro delles.*

AGAR.

(*curvando-se*) Meu principe.

SAMUEL.

(*inquieto*) Que é?

ABDALAH.

Que novas trazeis?

AGAR.

Os partidarios do principe de Azrain levantam de novo a cabeça. As fronteiras estão já sublevadas. Numerosas forças avançam contra a capital. E' necessario marchar quanto antes a debellar a insurreição.

SAMUEL.

(*atrapalhado*) Ah! então ha perigo aqui? Eu volto quanto antes para os estados d'el-rei meu pae.

AGAR.

Não, principe: pelo contrario. E' necessario tomar as armas.

SAMUEL.

O senhor que diz?

AGAR.

Digo que é necessario tomar as armas.

SAMUEL.

E' necessario tomar as armas! Pois bem, tomem as armas. Que tenho eu com isso?

AGAR.

Não comprehendeis, principe?

SAMUEL.

Eu? nem palavra. (*a Abdalah*) Olhe cá, meu fiel... Adonirão, que é que elle diz que eu não comprehendo?

AGAR.

Pois não comprehendeis que vos cumpre

marchar á frente das nossas tropas contra o inimigo?

SAMUEL.

(*attonito*) Que?.: Eu marchar!.. eu! (*á parte*) Ah! perfida Fada, em que intallação me metteste!

AGAR.

Agora, principe, já vêdes o motivo da minha subita vinda. Principe de Balsorah, é chegado o momento de vos mostrardes digno filho do mais valoroso monarcha. Cingi a vossa cimitarra... e partamos.

SAMUEL.

(*extremamente compromettido*) Senhor capitão das guardas... com a fortuna!.. demos tempo ao tempo.

AGAR.

Não, principe. E' preciso partir já. E' nestas occasiões que um animo real se manifesta... Os vossos deveres estão marcados: vencer, ou morrer.

SAMUEL.

Como? Vencer, ou... Faz favor de se assentar: hade estar estafado. (*indica-lhe o banco de pedra, Agar recusa*) Eu não digo que não vá á guerra... Até mesmo se me não dá de tomar essa distracção... Mas bem vê que no estado em que está o estado... e, depois... pelas circumstancias que teem occorrido..,

Olhe, queira passar por cá para a semana: fallaremos n'isso mais devagar!

AGAR.

Não se póde esperar nem um momento.

SAMUEL.

Não? Diga-me cá: na guerra póde-se ficar ferido?

AGAR.

Nem sempre. Eu tenho pelejado muita vez, e nunca...

SAMUEL.

Isso é outra coisa: è porque está costumado. Cá por mim tenho toda a certesa de que heide ficar ferido... pelas costas (*como lembrando-se*) Oh!

ABDALAH.

(*assustado*) Que é?

SAMUEL.

(*para Agar, arrogantemente*) Pois bem é preciso castigar a audacia desses rebeldes.

AGAR.

Isso mesmo.

SAMUEL.

E eu quero punir quanto antes a temeridade d'esses insolentes que se atrevem a disputar o meu poder. (*áparte*) Dava agora o meu poder por uma ridicularia.

AGAR.

Reconheço n'esses impetos generosos o sangue de Balsorah!

SAMUEL.

(*áparte*) Se não reconhecer melhor outras coisas! (*alto*) Sim, è preciso marchar já contra o inimigo.... (*exaltando-se*) é necessario apressar-mo-nos.... combater e vencer.

AGAR.

(*enthusiasmado*) Oh! agora a victoria é certa.

SAMUEL.

Eu infelizmente é que não posso ir.

AGAR.

Como?

SAMUEL.

Não posso. Pergunte aqui ao meu fiel... Abimelech.

AGAR.

Porque?

SAMUEL.

Meu pae — el-rei meu pae, sabe? — ordenou-lhe que vigiasse pela minha preciosa conservação.

ABDALAH.

E' a verdade.

SAMUEL.

E tornou-o responsavel sobre a sua cabeça. (*para Agar*) Conhece perfeitamente o genio d'el-rei meu pae... (*áparte*) tomára que me dissessem se é preto ou branco!... (*alto*). N'este caso bem vê que seria uma pena perder a cabeça — esta veneranda cabeça (*indi-*

ça a de Abdalah que se curva profundamente) porque emfim, se eu fôr á guerra parece-me que não heide ficar lá muito bem conservado.

AGAR.

(alegre) Se é só isso... *(saca um pergaminho)* Aqui está uma auctorisação d'el-rei, em que vos consente, meu principe, em que ordena até, que vos colloqueis á nossa frente e nos guieis ao combate.

SAMUEL.

(áparte) Maldicto! *(alto)* Mas como intende então meu pae a minha conservação?

ABDALAH.

A conservação d'um grande principe é a sua gloria.

SAMUEL.

(friamente) Obrigado, meu fiel... *(áparte)* Catavento!

AGAR,

Então está dicto, meu principe. As vossas legiões já se reunem. Marchareis á testa dellas.

SAMUEL.

A' testa... logo á testa! Que precisão ha de ir á testa? Olhe, não se póde ir n'outra parte?

ABDALAH.

N'outra parte? Pois onde é o logar de

um principe senão á frente dos seus vassallos?

SAMUEL.

Obrigado. (*á parte*) Deixa estar que se eu escapar... (*olhando-o de revez*) Confisco. (*alto*) Não vindes tambem meu fiel ...

ABDALAH.

(*atalhando-o*) Abdalah!

SAMUEL.

Isso. Não vindes?

ABDALAH.

E quem hade encarregar-se da ardua missão de dirigir os negocios do estado?

AGAR.

E' a obrigação de um visir.

SAMUEL.

Sim? Pois não é muito mau ser visir. (*á parte*). Até aqui não me ia dando mal com o officio de principe. Agora começo a ver a coisa pelo avesso. (*som de clarins*) Que é isto? (*inquieto*)

AGAR.

São os clarins que nos chamam. Partamos, meu principe.

SAMUEL.

Os cla .. rins?... Fazem-me um effeito os clarins! (*agoniado*)

ABDALAH.

E' o enthusiasmo!

SAMUEL.

Ah! chama-lhe enthusiasmo!

AGAR.

Partamos, senhor. Vamos pacificar a fronteira.

SAMUEL.

(*cada vez mais agoniado*) Pois... sim... Vamos lá pacificar isso. (*sae encostando-se a Abdalah*)

SCENA V.

(*Apenas elles saem, povoa-se o terrasso de escravas: entre ellas Zobeida, 3.ª cidra.*)

ZOBEIDA E ESCRAVAS.

ZOBEIDA.

Não ouvistes soar o clarim nas arcadas do palacio?

1.ª ESCRAVA.

Ouvimos. E' o principe que parte para a guerra.

ZOBEIDA.

O meu principe?

1.ª ESCRAVA.

O principe azul.

ZOBEIDA.

Vai para a guerra! (*encosta-se á balaustrada a meditar, fitando os olhos na fonte que lhe fica por baixo*)

SCENA VI.

A FADA NEGRA E AS DITAS.

FADA.

(*entrando com o seu cantaro*) Vejamos agora. (*vai encher o cantaro, sentada na borda da fonte, e olhando disfarçadamente para Zobeida*).

Foi um principe aos combates
Que nunca de lá voltou... (*pára*)
Não é extremosa. (*á parte*)
Ninguem sabe se elle é morto,
Se algum novo amor tomou... (*pára*)
Não é zellosa. (*á parte*)
Ha quem diga que os amores
Por uma c'roa deixou. (*pára*)
Não é ambiciosa!.. (*reflectindo*) Ah! (*volta-se e mira-se na fonte*)

Vejo n'agua o meu retrato,
Vam-se-me os olhos de o vêr:
Tão formosa escrava preta
Não quer mais escrava ser; (*quebrando o cantaro*)

Quebra a quarta e vai...

ZOBEIDA.

(*terminando a quintilha*) Morrer!
(*rindo*) Ah! ah! ah!

FADA.

(*alegre*) E' vaidosa! Bem!

ZOBEIDA.

(*para as outras escravas*) Ah! ah! ah! Não querem rir? Aquella preta escrava que via o meu rosto na fonte, e que julgava admirar o seu retrato!

FADA.

(*erguendo os olhos para ella*) Princeza que tanto ri mostra mais orgulho do que generosidade. Sabe acaso se a preta escrava a poderá fazer mais formosa ainda?

ZOBEIDA.

Que diz ella? (*desce ao jardim*) Tu que disseste, escrava?

FADA.

(*á parte*) Está em meu poder. (*alto*) Digo que o principe azul se vos visse com esse penteado...

ZOBEIDA.

Acaba.

FADA.

Riria de vós.

ZOBEIDA.

(*voltando-se indignada para as escravas no terrasso*) Desastradas! (*as escravas retiram-se consternadas*).

SCENA VII.

A FADA NEGRA, ZOBEIDA.

ZOBEIDA.

Depressa, depressa, escrava... solta-me es-

tas tranças. (*subitamente*) Pódes pentear-me de modo que lhe agrade?

FADA.

Ah! a princeza já não zomba da escrava? Já não ameaça a escrava?

ZOBEIDA.

Que premio queres?

FADA.

Nenhum. A princeza não póde premiar-me. Eu é que posso fazel-a resplendecer de formosura como a roza de Alexandria, que sacode o orvalho aos raios do sol nascente.

ZOBEIDA.

(*soltando as tranças*) Perdôa... e começa. (*senta-se no banco de pedra*)

FADA.

As vossas escravas não sabem preparar-vos. (*tira um pente de oiro*)

ZOBEIDA.

Pente d'oiro em mãos de escrava!

FADA.

Para tranças de princeza.

ZOBEIDA.

Começa.

FADA.

(*penteando-a*) A princeza ama muito o seu principe?

ZOBEIDA.

Comecei a viver quando principiei a amal-o. Não sei nada, não me lembra nada da mi-

nha vida antes disso. Além desse momento tudo são trévas!

FADA.

Mas agora é por elle, e para elle que desejaes ser formosa? Descançae, princeza, appparecer-lhe-heis como um astro, quando logo da vossa janella o fôrdes vêr partir para a guerra.

ZOBEIDA.

Quem?

FADA.

O principe.

ZOBEIDA.

Que principe?

FADA.

O principe azul.

ZOBEIDA.

Ah! sim... ouve... (*com mysterio*) O meu principe não é este.

FADA.

(*sobresaltada*) Como?

ZOBEIDA.

(*ingenua*) Parece este, mas não é. São as mesmas feições, é verdade... mas o modo, o ar é tão differente!... O que eu vi primeiro, o meu, o verdadeiro... não me olhava senão para o rosto... e este...

FADA.

Este?

ZOBEIDA.

Não me repara senão para as joias.

FADA.

(*á parte*) Avarento!

ZOBEIDA.

Queres saber outra coisa?

FADA.

(*curiosamente*) Que mais?

ZOBEIDA.

A' noite, quando a lua passa silenciosa nos nossos ceus d'anil, quando, encostada ao braço, fito nella os olhos, vendados de mysteriosas lagrimas, aspirando estes acres perfumes do Oriente, que toldam os sentidos, parece-me ouvir uma voz que, nas azas da aragem, sae dos bosques de aloés e caneleiras... ai! Fizeste-me doer.

FADA.

(*contendo-se mal*) Perdoae. E a voz que diz?

ZOBEIDA.

Diz-me... o teu principe, o principe que tu amas, hade fitar a lua como tu; hade como tu admirar essa pocira de estrellas que o Senhor sacudiu do seu manto; como tu tambem hade embriagar-se de ternura nos mysticos rumores da solidão... e elle... esse, que habita juncto de ti, em quanto tu abres o teu coração ao amor e á melancholia, conta elle em segredo os seus sequins.

FADA.

(*á parte*) Instincto maldicto!

ZOBEIDA.

Outras vezes, mal adormeço, parece que vejo erguer-se-me sobre o leito de brocado uma suave figura, alva... alva de cegar... toda ella claridade e fulgor, toda meiguice e disvello.... e pende-se para mim... e falla-me ao ouvido.... e murmura-me coisas!..

FADA.

(*irritada*) O que! o que?

ZOBEIDA.

(*attonita*) Que tens?

FADA.

Nada. Perguntava o que vos dizia essa visão?

ZOBEIDA.

O mesmo que me diz o coração, o mesmo que me diziam os hymnos das selvas... diz-me que existe outro principe, que só esse me sabe amar, que só esse devo amar.

FADA.

(*á parte*) Ah! fada branca, fada branca, reconheço aqui a tua presença! Veremos.

ZOBEIDA.

E queres saber? Tenho uma coisa que me diz que hade vir. *(reclinando-se pouco a pouco negligentemente no banco)* E' por isso... é por elle que eu quero que me faças formosa... a mais formosa de todas. Elle vem,

estou certa que vem... e, olha... creio até que não tarda... Sinto-o aqui. (*pondo a mão no peito:*) (*impaciente*) Não te aviarás! Estou-te a dizer que elle não tarda.

FADA.

(*áparte*) E' tempo ainda.

ZOBEIDA.

(*mais impaciente*) Então?

FADA.

Dae-me um dos vossos alfinetes de ouro para pregar estes laços

ZOBEIDA.

Aqui tens... Depressa.

FADA.

(*tomando-o*) O amor inspirou-te. A vaidade perdeu-te. (*interra-lhe o alfinete na cabeça*)

ZOBEIDA.

(*dando um grito*) Ah! (*methamorphosea-se n'uma pomba branca, que bate as azas e foge*)

SCENA VIII.

FADA NEGRA (*só*)

N'esses sonhos peregrinos
Vejo, ó fada, a tua mão.
Se aos teus incantos divinos
Obedece o coração,
Eu sei trocar os destinos.

(*olhando*) Eil-o, chega: outra princeza
Seus olhos aqui verão:
Se não mudo a natureza,
Senão mudo o coração,
Triumpho na subtileza.

SCENA IX.

O PRINCIPE AZUL, LIA E OS DITOS.

PRINCIPE.

(*entra vagaroso, e, como procurando, dá com os olhos em Lia, que entra do terrasso, sob o aspecto de Zobeida: ao vel-a, enganado, exclama*)

Que belleza!

LIA.

(*do mesmo modo, admirando o trajo do principe*)

Que riqueza!

(*o principe, que ia approximar-se enthusiasmado, recua friamente olhando Lia com desconfiança, como ferido d'uma inspiração subita. Depois parece vencer-se e vai para ella*)

FADA NEGRA.

(*de parte, considerando-os com orgulho*)

Emfim venci!

SCENA X.

OS MESMOS E A FADA BRANCA.

FADA BRANCA.

(surgindo entre Lia e o principe, separando-os com a vara e fazendo-os recuar a ambos)

Inda não!

(gesto de furor da fada negra, aceno poderoso da fada branca. Fanfara guerreira dentro)

FIM DO SEGUNDO ACTO.

ACTO III.

Uma salla no palacio d'Azrain. Gallerias ao fundo. Almofadas, coxins, flores, etc. Antes de se levantar o panno a orchestra executa a introducção d'uma marcha brilhante que termina com o côro, cantado tambem antes de se abrir a scena.

CÔRO.

« Gloria ao principe valente,
« Dos contrarios seus terror;
« Gloria aos filhos do Oriente,
« Gloria ao nobre vencedor!

Levanta-se o panno. Entra um cortejo de eunuchos e escravas precedendo o principe. Samuel n'umas andas de brocado, coroado de louros, aos hombros dos prisioneiros: os guerreiros de Balsorah rodeando-o e seguindo-o. Samuel armado de ponto em branco, mas visivelmente constrangido nas suas armas. Chegando ao meio do theatro, Samuel desce e affecta andar marcial e gesto arrogante. Abdalah tem vindo ao seu encontro com todos os signaes de respeito. Agar commanda os guerreiros.

SCENA I.

SAMUEL, ABDALAH, AGAR, CORTEJO, EUNUCOS, ESCRAVOS, GUERREIROS, CÔRO.

(CÔRO TRIUMPHAL.)

« O leão da rebeldia
« Sobre o throno estende a garra;
« Mas cortar-lh'a vai n'um dia
« Nobre e fiel cimitarra.
« Cantemos pois os louvores
« Dos audazes lidadores;
« Junquemos-lhe o chão de flores
« Que elles são da guerra a flôr
« Deixando heroica a memoria
« Teem nas palmas da victoria
« O preço da sua gloria,
« O premio do seu valor.

(*effectuam-se durante o côro todos os movimentos indicados. Abdalah curva-se na presença de Samuel.*)

ABDALAH.

Allah vos salve, ó grande principe. Sei já que bastou a vossa presença para derrotar o inimigo.

SAMUEL.

Elles assim o dizem.

ABDALAH.

Elrei vosso pae está louco de contente.

SAMUEL.

Sim? (*á parte*) Figura-se-me que não tem muito de que.

ABDALAH.

Os guerreiros admiram-vos; o povo faz-vos hymnos.

SAMUEL.

E' o costume.

ABDALAH.

O esforço do vosso braço espantou os proprios rebeldes.

SAMUEL.

Elles lá é que o dizem.

ABDALAH.

Os vossos feitos excederam todas as esperanças.

SAMUEL.

Elles é que o dizem, elles é que o dizem. Eu não dei por similhante coisa.

ABDALAH.

Que modestia! Oh! na força do meu enthusiasmo, eu não posso deixar de exclamar...

SAMUEL.

Pois exclame.

ABDALAH.

Vós sois o melhor dos principes, e o maior dos heroes.

SAMUEL.

Olhe, fallemos antes d'outra coisa, meu fiel... Absalão!

ABDALAH.

Eu tinha-vos preparado toda a especie de danças para celebrar o vosso feliz regresso.

SAMUEL.

Pois bem : eu dou licença para celebrarem o meu feliz regresso. (*á parte*) Ainda não sei como aqui estou. (*alto — para a turba*) Tenho a benignidade de auctorisar algumas especies de danças, e ordeno que se divirtam todos, levando hoje a minha tolerancia a ponto de consentir... que se riam.

CORO.

« Ah ! ah ! ah ! ah ! ah ! ah ! ah !
« Que liberdade nos dá
« Ah ! ah ! ah ! ah ! ah ! ah ! ah !
« O principe de Balsorah !
« Ah ! ah ! ah ! ah ! ah ! ah ! ah !

SAMUEL.

(*que primeiro ouvira o coro como attonito, tranquillisando-se depois, e rindo com a multidão* Eh ! eh ! eh ! eh ! eh ! eh ! eh ! E' isso mesmo. Eu rio como elles. (*solemne*) Neste grande dia... tenho a condescendencia de rir tambem. (*vai sentar-se ; faz signal para que principiem as danças*).

CORO, ACOMPANHANDO AS DANÇAS.

« Depois do combate — no campo da guerra,
« E' doce nos braços — d'amor descançar :
« Alterna-se a vida — domina-se a terra,
« Que a terra é pequena — que a vida é gosar !

« Os férvidos gozos
« Libemos anciosos
« Na taça d'amor :
« As horas ligeiras
« São horas fagueiras
« No seu meigo ardor.

SAMUEA.

Esperem lá! (*com voz trovejante. Suspendem-se, conservando as attitudes em que estavam. Para Abdalah*) Pschio! ... Pschio! meu fiel Ezechi...

ABDALAH.

(*correndo*) Abdalah!

SAMUEL.

(*tomando-o de parte*) Esta gente está-me fazendo subir umas idéas á cabeça!.. (*sorrindo com ar de intelligencia*) A princeza?

ABDALAH.

Está outra. Não falla senão em joias, em riquezas e grandezas.

SAMUEL.

Havemos de intender-nos perfeitamente.

ABDALAH.

E parece esperar por um grande potentado.

SAMUEL.

(*gravemente*) Sou eu!

ABDALAH.

E' natural.

SAMUEL.

Bem! bem! (*esfregando as mãos*) Bom! bem bom! (*depois de meditar momentos — solemnemente*) Podem continuar (*as danças recomeçam*).

CORO ACOMPANHANDO AS DANÇAS.

« Depois do combate — no campo da guerra etc.

(*As danças terminam. Samuel faz signal para que se retirem. Obedecem. Acêna a Abdalah para que fique*).

SCENA V.

SAMUEL E ABDALAH.

SAMUEL.

(*como em confidencia*) Este ruido cançava-me já. (*com um enorme suspiro sentimental*) Meu fiel...

ABDALAH.

Abdalah!

SAMUEL.

Eu preciso manifestar-lhe o estado do meu coração... (*naturalmente*) Como vão os cofres do estado?

ABDALAH.

(*em confidencia, e olhando em redor com receio*) Cheios, acugulados. Producto do confisco... fructo das vossas sabias providencias

SAMUEL.

Oh!.. Mal sabe a satisfação que me dá, porque a respeito de despojos do inimigo. (*sen-

sibilisado) Ah! meu fiel... Assuero... que deploravel inimigo!.. nem meio sequim!

ABDALAH.

Era uma causa perdida, eu logo vi. Não tinha nada por si.

SAMUEL.

Nem a mais pequena coisa... nem um visir, sequer. E os culpados pagaram todos?

ABDALAH.

Todos.

SAMUEL.

Sem murmurar?

ABDALAH.

Pelo contrario, nunca se ouviu gritar tanto.

SAMUEL.

Elles se calarão.

ABDALAH.

Os descontentes são muitos... A proposito de descontentes, sabereis que foi preso nos jardins do palacio, o filho de Manassés, o judeu Samuel, mercador de lãs de camello.

SAMUEL.

Que! O meu fiel... Adonias... diz?..

ABDALAH.

Que foi preso o judeu Samuel.

SAMUEL.

(sorrindo incredulo) Isso não póde ser.

ABDALAH.

Como, não póde ser!

SAMUEL.

(*idem*) Tenho toda a certeza que não.

ABDALAH.

Mas se o culpado está nos carceres do palacio, esperando sómente a vossa sentença?

SAMUEL.

Sim? Pois não deixo de ter minha curiosidade de o vêr, a esse maganão de Samuel, E então porque o prenderam?

ABDALAH.

Por se ter introduzido nos jardins do palacio. Bem sabeis que é um crime imperdoavel.

SAMUEL.

E para que se introduziria elle nos jardins? Eu creio que elle não devia ter muita rasão de queixa. Depois do meu procedimento com o pae...

ABDALAH.

Suspeita-se que foi por amores.

SAMUEL.

(*resmoneando*) Huuum! Não me parece. Eu sei que não é esse o seu fraco.

ABDALAH.

Se o ordenaes, chamal-o-hemos á vossa presença.

SAMUEL.

De certo. Tenho appettite de ver esse Samuel. (*em quanto Abdalah vai dar ordens a um escravo, á parte*) Dar-se-ha caso que a negra da fada tenha duplicado a

minha pessoa, como duplicou o principe, que eu estou figurando!... (*coçando a orelha*) Com a fortuna! esta posição d'um homem dobrado não é lá das mais agradaveis!

ABDALAH.

(*voltando*) Não tarda.

SAMUEL.

Muito bem. (*reparando*) Se não me engano é a princesa que se dirige para aqui.

ABDALAH.

E' natural. Vem saudar-vos á vossa chegada. (*fallando-lhe ao ouvido*) Cumpre que vos façaes amavel, sabeis os projectos de el-rei vosso pae.

SAMUEL.

Certamente: eu sei os projectos.

SCENA III.

LIA (*como a princesa Zobeida*) SAMUEL, ABDALAH E ESCRAVAS.

LIA.

(*entrando, á parte*) Oh! é este o meu principe! Realisam-se as promessas da fada.

SAMUEL.

(*indo ao seu encontro*) Quanto folgo de tornar a vel-a, princeza.

LIA.

(*á parte*) Princeza! E' tão bom ouvir isto. (*alto*) E' verdade: tornamo-nos a vêr.

SAMUEL.

Não me sinto de alegria por...

LIA.

Estou cheia de regosijo por...

SAMUEL.

(*indicando-lhe o cordão do cinto*) Que ricas perolas!...

LIA.

(*indicando o colar de Samuel*) Que sumptuoso collar!...

SAMUEL.

(*satisfeito, a Abdalah*) Hein? Parece-me que principiamos a sympatisar. (*signal de assentimento de Abdalah. Alto, a Lia*) Depois dos combates estes momentos são... (*para Abdalah*) Magnificas perolas!

LIA.

Ah! foi á guerra! Na guerra é costume saquear os inimigos, não?

SAMUEL.

Quando elles teem que.

LIA.

Então, trouxe muitos despojos? (*com interesse*)

SAMUEL.

Ah! princeza, atraiçoaram-nos... Nada! (*contristado*) Não tinham nada.

LIA.

Ora vejam que inimigos esses!

SAMUEL.

(*a Abdalah*) Ella parece mudada. (*a Lia*)

Ao menos, princeza, venho achal-a n'essas felizes disposições.

LIA.

Eu nunca tive outras.

SAMUEL.

Nunca? Parecia-me d'antes mais triste. Tinha uma certa melancolia...

LIA.

D'antes! Como póde saber isso, se é hoje a primeira vez que nos fallamos?

SAMUEL.

A primeira vez?

LIA.

De certo. Encontrámo-nos no bosque das palmeiras, e, ha poucos dias, nos jardins deste palacio quando entrei para elle; mas não nos fallamos. (*á parte, recordando-se*) Oh! e os conselhos da fada.

SAMUEL.

Parece que não nos intendemos lá muito bem... (*lembrando-se*) oh! a fada!... Está visto, estou condemnado a passar a vida n'um labyrintho.

SCENA IV.

OS DITOS E AGAR *conduzindo* O PRINCIPE AZUL *no traje primitivo de Samuel.*

SAMUEL.

(*dando um pulo*) Olá! Sou eu mesmo!... (*emendando-se*) Sou eu mesmo o principe, sou.

(*ao principe, com dignidade*) Auctoriso-o a dirigir-se a mim.

PRINCIPE.

(*tristemente*) Que me quereis?

LIA.

(*á parte*) E' o mesmo Samuel; não ha duvida; mas como elle está mudado! D'antes não era tão triste!

SAMUEL.

(*a Lia*) Em que pensaes, princeza?

LIA.

N'esse pobre Samuel.

SAMUEL.

Faz-vos pena? Tambem a mim. (*á parte*) Samuel! outro Samuel! Eu dobrado tambem! Nunca uma pessoa póde saber nem onde está nem o que fez. Mas isto é um destempero, é um absurdo!... isto é uma cousa de fazer dar com a cabeça pelas paredes... (*socegando*) Vamos a ver se sou eu. (*alto*) Compadeço-me do seu estado. Samuel, e quero recompensal-o do transtorno que a prisão hade ter feito aos seus negocios. (*para Abdalah*) Meu fiel...

ABDALAH.

Abdalah!

SAMUEL.

Dê-lhe a minha bolsa... (*emendando-se e recolhendo rapidamente a bolsa que tinha*

já tirado) Dê-lhe a sua bolsa. (*Abdalah cumpre a ordem*).

PRINCIPE.

(*arrojando a bolsa, indignado*) Oiro, a mim! Oh! os meus males não os resgata a riqueza. Que me importa o oiro?

SAMUEL.

(*esfregando as mãos de contente*) Não sou eu.

ABDALAH.

(*ao ouvido*) E' preciso ser severo.

SAMUEL.

Isso: é preciso ser... (*ao Principe*) Então porque se atreveu a... a?...

ABDALAH.

(*dictando-lhe*) Penetrar.

SAMUEL.

(*a Abdalah, sem perceber*) A...?

ABDALAH.

(*insistindo*) Penetrar...

SAMUEL.

(*ao Principe gritando*) Penetrar...

ABDALAH.

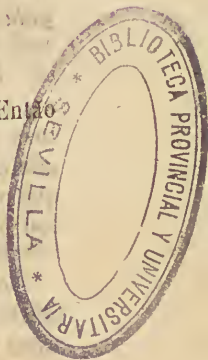
(*dictando-lhe*) Nos jardins do palacio.

SAMUEL.

(*muito depressa*) Nos jardins do palacio?

PRINCIPE.

Não me pergunteis nada, não sei de nada! Tudo o que por mim passa, todos os prodigios que vejo, todas as maravilhas que sin-

to, nem a mente as percebe, nem o coração as comprehende. Não sinto nem vejo, não me lembra nem comprehendo senão essa visão maravilhosa, esse sonho, esse feitiço... não sei... esse instincto invencivel e occulto que me arrastou para aqui...

SAMUEL.

(*a Abdalah*) Olhe lá: parece-me que elle não está lá muito... (*faz signal que lhe não regula a cabeça*).

PRINCIPE.

(*de olhos baixos, meditando*) Cuidei vêl-a um instante... era o ceu!.. percebi depois que uma extranha transformação se operava em mim...Desconheci-me. E' um poder mysterioso que me persegue. Que importa? o coração ficou o mesmo.

LIA.

(*á parte*) Ella! Dar-se-ha-caso que Samuel... (*alto*) Então é pela formosa Lia que ainda conserva esses admiraveis sentimentos?

SAMUEL.

Hein?

PRINCIPE.

Lia! Quem é Lia? Que mulher se póde comparar a...

SAMUEL.

E' verdade. Quem é Lia? Eu conheci essa Lia. Uma rapariga desastrada, máu genio, cara de arremetter, e um corpo... oh!..

LIA.

(*furibunda*) Então que tinha que lhe dizer ao corpo? (*á parte*) E a fada!.. Deixa estar, que tu m'o pagarás. (*alto emendando-se*) Eu conheço essa Lia, é muito boa rapariga. Isso... isso são calumnias.

SAMUEL.

Eu tambem a conheço. Morria de amores aqui por Samuel.

LIA.

Quem? ella! Morrer de amores por Samuel! ella? ah! ah! ah! ah! Ora não verão!.. por Samuel!.. Ah! ah! ah! ah!

SAMUEL.

(*corrido*) Mas a mim parece-me que Samuel...

LIA.

Samuel!.. Um corcovado, um maldizente... uma vibora... com joanetes!.. um inredador... com dois dentes de menos e ataques de asma.

SAMUEL.

(*desesperado*) Isso é de mais! Quem lhe foi metter essas coisas na cabeça? (*emendando-se*) Se não fosse a fada!... Mas não tem duvida: a seu tempo. (*alto*) Samuel não tem nada d'isso; eu tambem o conheço: é um rapaz guapo, arranjado e amigo de dar ordem á vida. (*ao Principe que parece estranho a tudo*) Não é assim, Samuel?

PRINCIPE.

Como?

ABDALAH.

Respondei ao que vos perguntam. Lembrae-vos que estaes na presença do poderoso principe de Balsorah!

PRINCIPE.

O principe de Balsorah? Oh! já me reconheceis!... O principe de Balsorah sou eu.

ABDALAH.

Tu! (*indicando Samuel*) E este então quem será?

SAMUEL.

(*rindo amarello*) E' verdade: e eu então quem serei? talvez o judeu Samuel, a estas horas! Tinha que vêr se eu era o judeu Samuel. (*á parte*) Que trapalhada, oh! que trapalhada!

PRINCIPE.

(*levantando os olhos*) Este... ah!... são, são as minhas feições... são... sou eu proprio!

SAMUEL.

(*á parte*) Já ninguem sabe o que é nem o que foi... Elle é eu... eu sou elle... E' uma Babel de caras, em vez de lingoas.

ABDALAH.

Que dizeis a isto?

PRINCIPE.

Nada: é o infernal poder que me persegue. Nem sei se vivo.

SAMUEL.

Está bom : essa loucura não me parece perigosa. Dou-lhe a liberdade para ir procurar essa visão... essa...

PRINCIPE.

E onde, onde heide eu ir achal-a?

LIA.

(*a Samuel*) E' muito benigno : era bem feito tel-o prezo... só por elle despresar aquella formosa Lia.

SAMUEL.

Cá tenho as minhas razões.

PRINCIPE.

Não sei onde me dirija? E conhecer-me-hia ella neste estado? (*levanta os olhos, repara em Lia e corre a ella*) Oh! eil-a, eil-a... é esta . . . a minha princeza, o meu sonho.

LIA.

(*recuando*) Eu?

ABDALAH.

A princeza! (*a Samuel*) Está louco!

SAMUEL.

Pois eu não lho disse!... (*á parte*) Todos o estamos.

PRINCIPE.

(*recuando*) São, são as suas feições tambem; mas não sois vós... ella é benigna, é meiga, e vós, senhora, a vossa presença esfria, o vosso olhar regella.

SAMUEL.

(*á parte*) Safa!

PRINCIPE.

Não sois vós, não: um instincto occulto m'o diz. E' um sortilegio fatal que me cerca por todos os lados. Oh! onde acharei eu a verdade? (*vai a sahir; uma pomba branca esvoaça em torno delle: Abdalah dá um passo indicando que vai impedil-o; Samuel detem–o*).

SAMUEL.

(*a Abdalah*) Deixe-o. (*ao principe*) A verdade? Não a procure em casa dos principes.

SCENA V.

OS DITOS MENOS O PRINCIPE.

SAMUEL.

Que diz a isto, princeza?

LIA.

Digo que Samuel é um vilão ruim que não merecia contemplações.

SAMUEL.

Porque?

LIA.

Porque! por desprezar Lia, que é a propria bondade.

SAMUEL.

Mas Lia, segundo a princeza disse, tambem o despreza!

LIA.

Lá terá as suas razões.

SAMUEL.

Ora que nos importam a nós essas razões! Acaso não temos as nossas? A princeza é livre...

LIA.

Olhe, lá isso se quer que lhe falle a verdade...

ABDALAH.

E': ninguem o ignora.

LIA.

Como este senhor o diz.

SAMUEL.

(*a Abdalah*) Ensine-me alguma coisa para lhe dizer.

ABDALAH.

(*dictando-lhe ao ouvido*) Os nossos estados confinam..

SAMUEL.

(*repetindo*) Os nossos estados confinam...

LIA.

Sim? Pois não sabia isso.

ABDALAH.

(*dictando*)Meu pae quer a nossa união...

SAMUEL.

(*attonito, para Abdalah*) Seu pae!

ABDALAH.

(*emendando-o*) Meu pae...

SAMUEL.

(*sem perceber*) Hein?.. (*comprehendendo*) Ah! é isso. (*para Lia*) Meu pae...

ABDALAH.

Quer a nossa união..

SAMUEL.

(*para Abdalah, espantado*) Quer a nossa união!.. (*percebendo*) Já sei, já sei. (*para Lia*) Quer a nossa união.

LIA.

Bem, bem; sem mais preambulos: querem-nos casar.

SAMUEL.

(*a Abdalah*) Olhe lá: é desembaraçada, a princeza!

ABDALAH.

(*a Samuel*) São educações.

LIA.

Não me opponho. Espere: eu sou princeza, não?

ABDALAH.

E rainha, dentro em pouco. Unireis ambos os vossos estados, e...

LIA.

Unil-os! Pelo contrario; trocamol-os.

ABDALAH.

Como? trocaes!

SAMUEL.

Trocaes?

LIA.

De certo. O principe é solteiro, eu sou solteira... todos somos solteiros... trocamos o nosso estado de solteiros, pelo estado de...

ABDALAH.

(*sorrindo*) Ah! percebo.

SAMUEL.

(*parvamente*) Eu ainda não.

ABDALAH.

A princeza é muito espirituosa

SAMUEL.

Ah! sim? Então diga-me alguma fineza.

ABDALAH.

(*dictando*) Cadêa dos corações...

SAMUEL.

(*suspirando*, *para Lia*) Cadea dos corações...

ABDALAH.

(*dictando*) Estrella da manhã...

SAMUEL.

(*para Lia*) Estrella da manhã...

ABDALAH.

(*dictando*) Roza d'Abril...

SAMUEL.

(*para Lia*) Roza d'Abril...

LIA.

Fica-me a chamar nomes, principe?

SAMUEL.

(*a Abdalah*) Então ficamos-lhe a chamar nomes?

ABDALAH.

Estillo oriental!

SAMUEL.

(*a Lia*) Estillo oriental (*som de clarins*)

Que é isto? (*dando um pulo de sobresalto*) Outra vez!

SCENA VI.

OS MESMOS E AGAR.

AGAR.

(*annunciando*) Acabam de chegar o principe e a princeza de Ispahan, e querem fallar já, já ao princepe.

SAMUEL.

(*a Abdalah*) Quem é a princeza de Ispahan.

ABDALAH.

(*maliciosamente*) Aquella que vós...

SAMUEL.

(*sem perceber*) Aquella que eu?...

ABDALAH.

E' preciso fazer retirar a princeza.

SAMUEL.

Esta?

ABDALAH.

Mas de modo que ella não suspeite.

SAMUEL.

Intendo, intendo. Deixe estar. Princeza?

LIA.

Princepe?

ABDALAH.

(*ao ouvido de Samuel*) Com finura!

SAMUEL.

Deixe estar... (*a Lia*) Princeza?

LIA.

Principe ?

SAMUEL.

(áparte) A coisa é mais difficil do que eu pensava *(alto, com solemnidade)* Princeza?... Ha cazos, ás vezes... em que a gente... precisa estar só... *(naturalmente)* Faz-me o favor de se retirar um instante. *(para Abdalah)* Então ? hein ?

LIA.

O princepe é senhor, basta ordenar. *(áparte retirando-se)* Deixa que eu t'o direi, depois !

SCENA VII.

SAMUEL, ABDALAH.

SAMUEL.

Então ? não lho disse com toda a finura ? Parece-me que não tinha razão de se escandalisar.

ABDALAH.

Certamente

SAMUEL.

Mas que me quererão esse principe e essa princeza da Ispahan ?

ABDALAH.

Provavelmente é por causa daquelles acontecimentos... *(sorrindo)*

SAMUEL.

(rindo) D'aquelles acontecimentos ! eh !

eh! eh! eh! (*muito serio*) Que acontecimentos?

ABDALAH.

Pois não vos recordaes? Já vos não lembra a residencia que tivestes na corte de Ispahan? (*sorrindo*)

SAMUEL.

Ah! eu tive lá residencia!

ABDALAH.

Agora, avaliae a posição em que vos achaes, meu principe. Não deveis ceder por nenhum caso.

SAMUEL.

Não cedo por caso nenhum.

ADDALAH.

Muito bem. As promessas que vos ligam á princeza Zobeida são um penhor bem seguro (*curva-se, e retira-se*)

SAMUEL.

Então que é isso! Onde vai?

ABDALAH.

O melindre e a delicadeza da conferencia que ides ter com os vossos regios hospedes não consente aqui a minha presença. Cumpro com o meu dever. (*sahe*)

SCENA VIII

SAMUEL. (*só*)

SAMUEL.

Está feito, antes queria que elle se dei-

xasse estar. Pelo mar vermelho! isto vai-se complicando cada vez mais. Conspirações, guerras, amores, e agora mais este principe e esta princeza! Estou mettido n'uma embrulhada infernal. A vida de principe não é má; mas tem seus contras, tem seus contras... Se não fosse a prohibição e as ameaças da maldicta fada! ... (*fica pensativo*)

SCENA IX.

SAMUEL E O PRINCIPE DE ISPAHAN. (*conduzido por* AGAR, *que se curva á sua entrada e se retira depois*)

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

(*figura de ferrabraz: entrando precipitadamente, parando de repente defronte de Samuel e cruzando os braços em ar ameaçador*) Conheceis-me?

SAMUEL.

(*levantando os olhos, singelamente*) Eu não senhor.

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

Conhecer-me-heis. Eu sou o princepe de Ispahan, filho do poderoso Ali-Shahaan, imperador da Persia, senhor da Tartaria, e conquistador do Mogol.

SAMUEL.

E que tenho eu com isso?

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

(*furibundo*) Ha um anno e um dia que vos procuro sem parar.

SAMUEL.

(*cortezmente*) Então faça favor de se assentar: hade estar derreado.

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

Onde quer que vos buscava, tinheis desapparecido.

SAMUEL.

Podera não.

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

Na côrte de Balsorah sube que tinheis ido combater os rebeldes d'Azrain. Corri a estes paços. Agora achei-vos, não vos largarei.

SAMUEL.

Mas para que? Que lhe fiz eu?

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

O que me fizeste, infame seductor? Pois ainda me perguntas o que me fizeste!

SAMUEL.

Provavelmente é por que o não sei.

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

(*desesperando-se*) Oh! isto é de mais!..

SAMUEL.

(*recuando*) Olhe que eu estou em minha casa... olhe que eu grito.

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

Principe, eu quero conter-me... em quanto não tiver exgotado todos os recursos...

SAMUEL.

Então está bom, contenha-se... e exgote os seus recursos.

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

(brando) Principe?

SAMUEL.

(idem) Senhor?

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

De certo... de certo comprehendeis o motivo que me traz aqui.

SAMUEL.

Pois engana-se: não comprehendo nem palavra.

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

(terrivel) Atrever-vos-heis a negar que seduzistes minha irmã?

SAMUEL.

Hein?.. *(aterrado)* Essa agora!

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

Escutae-me pois.

SAMUEL.

(á parte) Oh! malvada fada!

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

Ha trinta e duas luas, sahi eu da capital da Persia a subjugar o Mogol.

SAMUEL.

Peço perdão: o Mogol para onde fica?

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

Não importa nada.

SAMUEL.

Está bom: adiante.

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

Quando me despedi de minha irmã, era ella uma huri do propheta... O jaspe e o alabastro não eram mais alvos e puros que a sua fronte... a roza do Egypto não era mais corada que as suas faces.. Os dentes esmaltados faziam inveja as perolas de Ceylão... O coral e o rubim eram menos rubros que os seus labios... Os olhos eram dois astros... os...

SAMUEL.

E' forte em retratos. Já se vê tinha todas as perfeições, bem intendido.

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

Durante a minha ausencia chegou á côrte da Persia o principe de Balsorah!

SAMUEL.

Eu!

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

Pois que outro?

SAMUEL.

Mas está bem certo que fosse eu?

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

Haverá outro principe de Balsorah?

SAMUEL.

(*á parte*) Oh! diabolico principe!

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

Como ia dizendo, a presença do principe subjugou o ardente coração de minha irmã... a sua

vista captivou-a, as suas palavras, as suas juras d'amor enlouqueceram-a, e em breve a misera não teve outra existencia senão a sua.

SAMUEL.

(*limpando uma lagrima*) Coitadinha!

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

De repente, o principe abandonou a côrte da Persia. Foi então que eu voltei, o estado em que vim achar minha irmã era outro.

SAMUEL.

Isso hoje não admira.

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

Jurei então restituir-lhe o seu ingrato amante, ou vingal-a! Sabeis agora o que eu quero. Já intendeis a que eu venho... (*bradando*) Percebeis?

SAMUEL.

(*gritando tambem*) Eu não sou surdo!

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

(*em tom tragico*) Tu julgaste que podias assim affrontar o nosso poder, e abandonar a sua formosura... enganaste-te. Não te lembraste deste irmão que te ha de perseguir por toda a parte, que ha de ser o seu vingador, se não poder ser o seu salvador!

SAMUEL.

Oh! Deus de Moysés, em que talas estou mettido!

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

Se não restituires o socego que roubaste áquella desgraçada...

SAMUEL.

Eu não lhe roubei coisa nenhuma.

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

Este braço que vergou a fronte altiva do orgulhoso Kan-Acbar...

SAMUEL.

Como? Não conheço.

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

Este braço que encadeou as indomaveis tribus do deserto... este braço que guiou até juncto das tuas muralhas as suas phalanges victoriosas... ha de fazer justiça prompta e inteira!

SAMUEL.

Está damnado, o tal principe! *(á parte)*.

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

Mas eu prometti exgotar primeiro todos os recursos.

SAMUEL.

E' isso mesmo.

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

Se as minhas palavras te não commovem, se as minhas ameaças te não assustam, outro expectaculo mais pungente ha de de certo amolgar-te esse coração de bronze, *(pathetico)* Principe de Balsorah, revê-te nos estragos que fizeste, contempla as ruinas que a tua

impia mão cavou, conta uma a uma as dores atrozes que a tua infame seducção produsiu... (*condazindo-o á porta*) Ahi tens... se não te estallar o peito de magoa, se te não rebentarem dos olhos duas fontes de lagrimas, é que não tens um peito d'homem; tens entranhas de tigre.(*Samuel segue-o machinalmente e attonito*) Anda, vem, vê, admira, calcula pelo aspecto da tua victima a enormidade do teu crime. (*o principe de Ispahan toma pela mão a princeza de Ispahan que vem de dentro, e apresenta-lha*).

SCENA X.

OS DITOS E A PRINCEZA DE ISPAHAN. (*enorme, obesa, mal podendo bulir-se de volume; velha e horrenda, affectada e pertenciosa*).

SAMUEL.

(*recuando*) Oh!

A PRINCEZA DE ISPAHAN.

(*com um gemido doloroso, como halucinada e surprehendida*) Ah!

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

(*vehemente*) Vês, fera insaciavel? vês, barbaro infiel? Admira o estado lastimoso a que chegaste esta desgraçada! observa o quadro das suas accerbas magoas debuxado neste afflictivo todo!

SAMUEL.

Está feito. O seu todo é um menos mau

todo! (*á parte*) E' um rhinoceronte, é um elephante, é uma baleia! (*recuando*)

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

E nem se quer lhe diriges uma palavra de consolação?

SAMUEL.

Oh! lá por isso não seja a duvida. (*á parte*) Não ha remedio: é preciso fallar-lhe em estillo oriental. (*alto*) Raio da manhã...

A PRINCEZA DE ISPAHAN.

(*sentimentalmente*) Ah!

SAMUEL.

Iris de esperança...

A PRINCEZA DE ISPAHAN.

(*sentimentalmente*) Oh!

SAMUEL.

Chave do meu peito...

A PRINCEZA DE ISPAHAN.

Oh!

SAMUEL.

Mina de diamantes...

A PRINCEZA DE ISPAHAN.

Ah!

SAMUEL.

(*ao principe*) Olhe lá, eu já não sei o que lhe heide chamar. Não me responde senão: ah! oh! oh! ah! Se a conversação não passa d'isto, não póde ser muito longa.

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

Tu é que és o culpado dos seus males; tu

é que puseste n'este misero estado a infeliz Alanbadarenbadur.

SAMUEL.

Como?

A PRINCEZA DE ISPAHAN.

Oh!

SAMUEL.

(*para a princeza*) Outra vez!

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

Sim, a infeliz Alanbadarenbadur.

SAMUEL.

Safa, que nome! E' do tamanho da pessoa.

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

Oh! e não te commove a vista dos desgostos estampados nestas faces?

A PRINCEZA DE ISPAHAN.

Ah!

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

Não se te parte a alma na contemplação dos soffrimentos escriptos neste rosto?

A PRINCEZA DE ISPAHAN.

Oh!

SAMUEL.

Mas, senhor, a princeza para quem tem tido tantos desgostos, a princeza está soffrivelmente... nutrida.

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

Pois não vès que é isso mesmo o signal da sua magoa?

A PRINCEZA DE ISPAHAN.

Ah!

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

Reconheces acaso nesta sombra...

SAMUEL.

Sombra?... sombra d'um monumento!

O PRINCIPE DE ISPAHNN.

Vês neste doloroso simulachro um vesti gio do que foi?

SAMUEL.

A fallar a verdade, não me parece que os incantos actuaes da princeza... até julgo que a tal seducção do principe de Balsorah... (*gesto terrivel do principe de Ispahan*) quero dizer... a minha seducção... foi uma coisa assim um tanto extravagante!..

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

São os effeitos terriveis do pezar e da saudade.

A PRINCEZA DE ISPAHAN.

Oh!

SAMUEL.

Na verdade, os taes effeitos são terriveis. (*á parte*) Estou certo que pesa... como um camello. (*alto*) Mas eu tinha ouvido dizer que os cuidados... emagreciam.

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

Isso é na gente vulgar. Nas pessoas da nossa condicção... Olha.

A PRINCEZA DE ISPAHAN.

Ah!

SAMUEL.

Vejo. E' admiravel. A julgar pelo volume deve ter sido uma paixão horrorosa.

A PRINCEZA DE ISPAHAN.

Ah!

SAMUEL.

(*á parte*) Não passa disto; está visto.

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

E tens animo de dizel-o, sem te apressares a reparar as magoas de que foste origem?...

SAMUEL.

A reparar?.. Mas veja que isso ha de ter muito que fazer.

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

O que! Pois tens coração de vêr a dessolação desta desgraçada...

SAMUEL.

Chama a isto dessolação?

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

De presenciares o sello da amargura que a mão dos tormentos lhe estampou no semblante...

SAMUEL.

Deve ser bem grande a mão dos tormentos.

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

De contemplares os estragos profundos da saudade...

SAMUEL.

Profundos! Acha? A mim parecem-me largos... immensamente largos.

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

E não vais já cahir a seus pés?

A PRINCEZA DE ISPAHAN.

Oh! Ah!.. Não.... a meus pés, não.... nos meus braços... Eu estou prompta a perdoar-te, ingrato... (*abrindo os braços transportada*).

SAMUEL.

(*fugindo e furtando-lhe o corpo*) Eu é que não estou disposto a deixar-me perdoar.

A PRINCEZA DE ISPAHAN.

Ah! o meu coração é sempre o mesmo... Anjo da minha vida, eu não posso viver sem ti... Eu sou a tua Alanbadarenbadur... aquella que tu chamavas a tua vaporosa estrella...

SAMUEL.

Que asneira!

A PRINCEZA DE ISPAHAN.

Aquella a quem tantas vezes disseste: minha visão aeria, minha viçosa inspiração, amo-te... amo-te... amo-te.

SAMUEL.

Pois eu disse isso? (*á parte*) Que alarve que era o tal principe!

A PRINCEZA DE ISPAHAN.

Ah! não, tu não te podes ter esquecido desses suaves momentos em que nos protesta-

mos um eterno amor... Eu bem descubro nos teus olhos, que estás commovido.

SAMUEL.

Tem vista de lince.

A PRINCEZA DE ISPAHAN.

Ah! vem, vem... consinto que me estreites ao coração.

SAMUEL.

(*indicando-lhe o volume*) Não póde ser.

A PRINCEZA DE ISPAHAN.

Consinto que me cinjas nos teus braços. (*corre para elle de braços abertos. Samuel evita-a fugindo. Quando foge vai topar com o principe de Ispahan, que olhava tudo com gesto carregado e que lhe trava arrebatadamente do braço*)

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

Agora não fugirás.

A PRINCEZA DE ISPAHAN.

(*do outro lado, agarrando-o tambem*) Não, agora não fugirás.

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

(*terrivel*) Desprezas o seu amor?

A PRINCEZA DE ISPAHAN.

(*sensibilisada*) Vem, vem a meus braços.

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

Pois então prepara-te para os mais atrozes supplicios.

SAMUEL.

Já os estou soffrendo.

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

São apenas uma sombra dos que te preparo.

SAMUEL.

Pois deveras quer desposar-me com a princeza?

A PRINCEZA DE ISPAHAN.

Ah!

SAMUEL.

(*impacientemente*) Comecamos.

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

Semeaste o martyrio; colherás o martyrio.

SAMUEL.

(*perdendo de todo a cabeça*) Mas, srs., isto é um destempero, isto não tem geito. (*ao principe que o puxa*) Eu não tenho a honra de o conhecer. (*á princeza que o puxa*) Eu nunca a vi.

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

Infame, negas?

A PRINCEZA DE ISPAHAN.

Esqueces-te, ingrato?

SAMUEL.

Já viram! E' um desproposito de fazer ferver os miolos.

SCENA X.

OS DITOS E LIA.

LIA.

(*correndo ao braço que o principe deixa*

livre e apoderando-se d'elle) Que é isto? Querem-me roubar o meu esposo!

SAMUEL.

(*consternado*) Faltava-me esta!

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

(*departe*) E' o que eu esperava: não me tinha enganado.

A PRINCEZA DE ISPAHAN.

E' o meu noivo!

LIA.

E' o meu esposo!

A PRINCEZA DE ISPAHAN.

(*puxando*) E' meu!

LIA.

(*idem*) E' meu.

SAMUEL.

Oh! mulheres, mulheres... que me desconjunctam!

A PRINCEZA DE ISPAHAN.

Os meus direitos são mais antigos.

LIA.

Eu não cedo dos meus (*o principe vai á galleria e tira um som prolongado da trompa que traz ao lado*)

SAMUEL.

(*estremecendo*) Que é isto?

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

E' a sentença do teu exterminio. Eu bem t'o disse. As minhas phalanges acampam de-

baixo dos muros de teus paços: d'aqui a um momento acamparão nas suas ruinas.

SAMUEL.

Valham-me as taboas da lei.

A PRINCEZA DE ISPAHAN.

(*chorando*) Eh! eh! eh! eh! que perco o meu noivo!

LIA.

(*do outro lado*) Ih! ih! ih! ih! que me matam o meu esposo!

SAMUEL.

Isto é de mais, isto é de mais!... (*ao principe*) Olhe lá: não ha nenhum meio de nos intender-mos entre nós.

A PRINCEZA DE ISPAHAN.

(*d'um lado*) Eh! eh! eh!

LIA.

(*do outro*) Ih! ih! ih!

SAMUEL.

Accommodem-se mulheres, co'a fortuna! eu não posso partir-me ao meio como a criança de Salomão: não fico prestando para nada. (*ao principe*) Vamos a vêr: não ha meio nenhum?

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

E' tarde! (*leva-o ao fundo*) Vês? (*reflexo de incendio*).

SCENA XII.

OS DITOS E ABDALAH (*precipitado*).

ABDALAH.

Principe, os persas invadiram os paços... o incendio lavra por todas as partes... os vossos defensores estão em fuga... Allah! vos guarde!

SAMUEL.

Então, onde vai?... Deixa-me?.. o meu visir abandona-me?

ABDALAH.

Vou a Balsorah levar a noticia (*vai-se*).

SAMUEL.

E' o costume: vai sempre levar as noticias.

SCENA XIII.

OS DITOS MENOS ABDALAH (*pouco depois guarnece-se o fundo de guerreiros persas*).

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

(*com satisfação feroz*) Vês? estás em meu poder!.. Vinde, vinde, meus guerreiros... Agora... (*levando da cimitarra*) prepara-te para morrer.

SAMUEL.

(*tremendo*) Leva muito tempo ainda?

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

Já.

SAMUEL.

E' que eu não posso preparar-me depressa.

A PRINCEZA DE ISPAHAN.

Perdão !

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

Não, minha irmã. Ultrajaram-nos : havemos de vingar-nos.

LIA.

Perdão !

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

E tu, mulher, que foste a causa de elle a abandonar, tu que foste a origem de todos os nossos desgostos... morrerás tambem.

LIA.

Quem ? Eu ! Morrer, eu ! Eu não quero morrer... Protesto.

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

Vamos, avia-te.

SAMUEL.

(*socegado*) Escusa de se incommodar : eu não tenho pressa.

LIA.

(*á princeza*) Senhora, por quem sois !

A PRINCEZA DE ISPAHAN.

Ah !

SAMUEL.

(*supplicante á princeza*) Formosa Alan... calan... etc.

A PRINCEZA DE ISPAHAN.

Oh !

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

Não ha recurso: é a vossa ultima hora.

SAMUEL.

A minha ultima hora!

LIA.

A nossa ultima hora?

SAMUEL.

(perdendo a cabeça) Ora, sr. não vê que isso é uma tolice?

LIA.

E' um absurdo...

SAMUEL.

Nada: já me não importa nada.

LIA.

Já não tenho attenção nenhuma.

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

Vamos.

SAMUEL.

(erguendo a voz) Vamos! Para que? Escusa de se apressar.

LIA.

Eu digo tudo.

SAMUEL.

Não ha remedio. *(ao principe)* Senhor?

LIA.

Suspendei.

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

O que?

SAMUEL.

Eu não sou principe.

LIA.

Ah !

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

(*a Lia*) E vós.

LIA.

Eu não sou princeza.

SAMUEL.

Ah !

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

Que és então ? quem sois ambos ?

SAMUEL.

Bem vê que não podia ter culpa nos incommodos da senhora sua mana. Sou o judeu Samuel , mercador de lãs de camello.... com sua licença.

LIA.

Oh !

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

Bem : e vós ?

LIA.

Eu?... eu sou Lia... noiva de Samuel.

SAMUEL.

Ah !

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

E quem me affiança a vossa verdade ? (*trovão eminente. Os dois tornam os seus trajos e apparencia antiga. Reconhecem se*).

SAMUEL.

Lia !

LIA.

Samuel !

O PRINCIPE DE ISPAHAN.

Que maravilha!

A PRINCEZA DE ISPAHAN.

Vamos procurar o principe a outra parte.

SAMUEL.

(ameaçando-a) Samuel... o corcovado!

LIA.

(idem) Lia... a desastrada! *(trovão eminente. Os dois affundam-se no abysmo. O incendio rebenta. O principe e a princeza partem á frente dos guerreiros.)*

FIM DO TERCEIRO ACTO.

ACTO IV.

Passagem curta e simples, limitada por algumas arvores. Banco de penedias a um lado. Ao levantar do panno ouvem-se os ultimos compassos do coro subterraneo do 1.° acto.

SCENA I.

A scena está um momento só. Samuel e Lia surgem da terra.

SAMUEL E LIA. — UMA VOZ.

LIA.

(*attonita*) Samuel?

SAMUEL.

(*assombrado*) Lia?

LIA.

Que foi isto?

SAMUEL.

Soverteram-nos!

LIA.

A fada bem mo tinha dicto!...

SAMUEL.

Tambem a mim.

LIA.

E cumpriu-o.

SAMUEL.

Mas onde estamos nós ?

LIA.

Eu não sei.

SAMUEL.

Nem eu.

LIA.

Ainda ella foi benigna.

SAMUEL.

Podia-nos deixar sovertidos.

A VOZ.

Sois-me precisos ainda !

LIA.

(para Samuel) Que ?

SAMUEL.

(para Lia) Que ?

LIA.

Tu fallaste.

SAMUEL.

Eu ? Não. Foste tu.

LIA.

Começam outra vez as bruxarias.

SAMUEL.

Pois que bruxaria queres tu maior do que esta ? Safa que jornada. Está uma pessoa muito bem descauçada. Fizeram-na principe: muito bem ; é principe. Costuma-se a isso e não se dá mal com o negocio. De repente cahe-lhe uma chuva de fatalidades na

cabeça, e vai se não quando... zás... (*faz o gesto de affundir-se*)

LIA.

Tu é que tiveste a culpa. Se não fosses dar á lingua!...

SAMUEL.

Foste tu. Se não viesses intrometter-te nos meus negocios!...

LIA.

Ainda a esta hora seria princeza.

SAMUEL.

Ainda agora seria principe.

LIA.

Se soubesse que eras tu... de certo que não disputava a tua posse.

SAMUEL.

Pois eu, se adivinhasse quem eras, desposava a princeza de Ispahan aos olhos fechados.

LIA.

Estas fadas quando transformam a gente deviam deixar-lhe ao menos um signal para se conhecer.

SAMUEL.

Tens razão, escuzava de haver equivocos: escusava de perder eu a minha posição de princepe, e ter de fazer viagens indecentes por baixo da terra sem poder conversar pelo caminho.

LIA.

Anda lá que ainda podia ser peior. A fada teve dó.

A VOZ.

Preciso ainda de vós.

SAMUEL.

Hein? (*olhando para baixo, para cima, para todos os lados.*)

LIA.

Porque dizes tu isso? (*naturalmente: depois segue os movimentos delle como procurando com o gesto.*) Que é?

SAMUEL.

Não ouviste?

LIA.

O que?

SAMUEL.

Uma voz. Temos coisa outra vez, Lia. Se eu soubesse ao menos onde estamos. Provavelmente a mil leguas da nossa cidade. Estas fadas levam a gente para onde querem.

LIA.

Ah! Samuel, se eu ao menos tivesse conservado as minhas joias!...

SAMUEL.

Se eu tivesse tido tempo de trazer as minhas riquezas!..

LIA.

Eu tinha um cofre de perolas e diamantes.

SAMUEL.

E eu? Tinha confiscado o meu povo, e agora... ah!... (*consternado*) agora nem os meus 25 sequins.... (*mette a mão no cinto*) a fada esqueceu-se d'elles, ou cahiram pelo caminho. (*cáe-lhe a bolsa aos pês*) Ah! obrigado sr.ª fada. Oh! Lia se tu tivesses trazido os teus diamantes... (*carinhoso*)

LIA.

(*carinhosa*) E tu os bens do estado...

SAMUEL.

Podiamos ser ainda tão felizes, sem ser principes!

LIA.

Vê lá, não te escapou nada!

SAMUEL.

Não salvaste alguma cousa?

LIA.

(*consternada*) Nada!

SAMUEL.

(*idem*) Nada!

LIA.

(*affastando-se*) Hasde ter cara ainda para me querer desposar depois das bonitas coisas que me disseste?

SAMUEL.

(*idem*) E tu! O que são as mulheres! Como me julgavas pelas costas?

LIA.

(*arremedando-o*) Uma desastrada!

SAMUEL.

(*idem*) Um corcovado.

LIA.

(*idem*) Um genio, e um corpo!...

SAMUEL.

(*idem*) Uma vibora... com joanetes! Então eu sou uma vibora?

LIA.

Então que tem que dizer a este corpo? (*no momento em que gira dá com os olhos na Fada negra que lhe faz signal de silencio. Lia abre a bocca para fallar*) Ah! (*novo signal de silencio, Lia volta-se e repete o signal a Samuel.*

SAMUEL.

Ah! (*signal de silencio de Lia, que os dois se repetem, voltados um para o outro. Lia indica-lhe a Fada — a Fada aponta-lhe imperiosamente para o sitio para onde se devem retirar. Os dois retiram-se effectivamente com mutuos signaes de silencio. A fada sáe tambem*)

SCENA II.

O PRINCIPE AZUL (*só*).

PRINCIPE.

Quando terá fim a minha triste sina? Corro atraz d'uma sombra que me foge quando a vejo... que busco sempre e que nunca posso alcançar. O sortilegio fatal que me cerca

tem-me já mostrado as suas feições, mas o coração não se illude. Ella, ella, a verdadeira não se equivoca. Que importam as feições, se a esses vãos simulachros, que um poder infernal me tem apresentado, falta aquelle ar de candura, aquella meiguice, aquella inspiração que é a verdadeira fonte do amor? Quem me poz este instincto no coração? Não sei; mas sei que os meus olhos não surprehendem a minha alma. Uma só vez a vi: podem fingil-a, não podem enganarse podem fingil-a, não podem enganar-me. (*senta-se*) Que estranhas transformações teem operado em mim! Um poder me faz desconhecido de mim mesmo... outro me restitue á minha natural figura. Embora. Se eu não sinto quasi se vivo. Oh! minha formosa apparição da fonte das palmeiras... Oh! minha cidra encantada... Oh! tu é que eras o meu intimo e sonhado amor... por ti é que eu vivia... sem ti heide eu morrer. Nem eu sei como não sou já morto. (*Uma pomba branca atravessa os ares, e vem esvoaçar em torno delle*) Linda pombinha branca, dizem-te mensageira de boas novas; mas a mim que novas pódes trazer-me? (*a pomba vai-se*) Onde estarás tu, ó boa camponeza que me insinaste a colher as tres cidras... só em ti espero... só tu pódes valer-me. Mas onde estás tu, formosa fada?

SCENA III.

A FADA BRANCA *sob o aspecto de campo-neza do 1.º acto.*

FADA BRANCA.

Chamaste-me? Aqui estou.

PRINCIPE.

(junctando as mãos) Oh! sois vós... renascem-me as esperanças Desfolhava-as a desesperação, reverdeceu-as a vossa presença. Matae-me, ou valei-me.

FADA BRANCA.

Sei as tuas magoas. Os dias de provação tem sido longos e amargos. Por mais de uma vez tens estado perto da felicidade. Um poder contrario, uma influencia rival, tem-te de novo arremessado ao abysmo. E' a sorte dos mortaes. Mas confiaste e eu vim a ti. Quem sabe se a hora suprema estará proxima? A crença e a esperança são os esteios do coração. Principe, espera e crê.

PRINCIPE.

E que heide eu fazer, senhora, que heide eu fazer?

FADA BRANCA.

Tens observado alguma coisa notavel nos teus momentos de dolorosa agonia?

PRINCIPE.

Deixae vêr... (*reflecte*) Tenho.

FADA BRANCA.

O que?

PRINCIPE.

Uma pomba branca que vem esvoaçar-me em roda.

FADA BRANCA.

E' necessario apanhar essa pomba.

PRINCIPE.

Como! se ella nunca se aproxima?

FADA BRANCA.

Arma-lhe um laço de prata.

PRINCIPE.

Se não cahir nelle?

FADA BRANCA.

Outro de oiro.

PRINCIPE.

Se fugir ainda?

FADA BRANCA.

Outro de diamantes. Se a apanhares, encontrar-lhe-has na cabeça um alfinete cravado. Arranca-lh'o .. Aqui estão os tres laços. Confia e espera. Bem tens visto sempre... eu não te desamparo (*sahe*).

SCENA IV.

O PRINCIPE (*só*).

PRINCIPE.

Ah! que é uma alma nova que me aviven-

ta... oh! minha alva pombinha, não desmentiste o conceito. De boas novas me foste mensageira... Cumprir-se-hão ellas?... (*a pomba apparece*) Eil-a... Executemos tudo (*arma-lhe o laço A pomba aproxima-se, e depois foge.*) O outro! (*arma o outro. Durante toda a acção, pianissimo na orchestra tocando o motivo do coro celeste do primeiro acto.*) O terceiro, o ultimo, a minha esperança! (*Arma o terceiro laço. A pomba aproxima-se e cahe nelle*) Oh! (*a orchestra pára terminando em cheio.*) Eis-te, eis-te, minha fiel mensageira.... eis o alfinete.... (*pende-se sobre o banco onde tem segura a pomba, e arranca-lhe um alfinete da cabeça. Subitamente a pomba desapparece e apparece em seu logar a princeza Zobeida*).

SCENA V.

ZOBEIDA O PRINCIPE.

PRINCIPE.

Oh! sois vós, sois! Agora não me fugireis mais. Reconheço-vos... reconheço a minha visão, accordo do meu sonho. Foi um momento feliz: posso morrer.

ZOBEIDA.

(*meigamente*) Se principiamos a viver agora!

PRINCIPE.

Tendes... tens razão. O passado...

ZOBEIDA.

Que sabemos nós do passado ?.. Trevas, illusões, incantamentos. Vivemos realmente agora.

PRINCIPE.

E vivemos. Nascemos para a vida...

ZOBEIDA.

Nascemos para o amor.

PRINCIPE.

E' o mesmo. Na sombra, na incerteza, no vago, no infinito sonhei-te... amei-te.... não te conhecia. Agora que te vejo, que te admiro... adoro-te. Suspeitei a vida... So vivo agora.

ZOBEIDA.

E eu, meu principe? Memoria, não a tinha: roubava-m'a o sortilegio. Existencia não a contava: emmudecia-m'a o incanto. Mas debaixo de todas as formas, em tudo, em toda a parte... tinha um coração... que te imaginava, que te adivinhava, e que... (*baixando os olhos*).

PRINCIPE.

(*tomando-lhe a mão*) Oh! acaba, minha esposa... minha divina companheira...

ZOBEIDA.

E que te idolatrava.

PRINCIPE.

Em meus braços, em meus braços... Essa palavra... (*precipitando-se nos braços um do outro*). Agora, quem poderá separar-nos? (*a estas palavras trovão eminente. A fada negra seguida de todos os seus genios e guerreiros apparece*).

SCENA VI.

A FADA NEGRA E OS DITOS.

FADA NEGRA.

Eu! (*a um gesto seu os genios e guerreiros arrebatam violentamente a princeza que desmaia, e o principe que se debate. Forte na orchestra indicando a situação. A um aceno da Fada os dois são conduzidos para fóra.*)

SCENA VII.

A FADA NEGRA, *depois* SAMUEL E LIA.

FADA NEGRA.

Triumpho! (*acenando com a vara para o lado por onde se retiraram Lia e Samuel*) Comparecei.

SAMUEL.

(*tremendo*) Aqui estou!

LIA.

(*idem*) Aqui estou!

FADA NEGRA.

A minha justiça devia punir-vos; a minha compaixão quer perdoar-vos. Eu bem vol-o tinha dito. A' minima desobediencia tragar-vos-ha a terra. A terra obediente repeliu-vos de novo para a sua face.

SAMUEL.

Muito obrigado.

FADA NEGRA.

As vossas vidas pertencem-me. Não é tempo já de dissimular. O combate agora é franco e decidido. Preciso de vós.

LIA.

De mim?

SAMUEL.

De mim?

FADA NEGRA.

(*a Samuel*) Queres ser novamente princepe?

SAMUEL.

Eu por mim se me dispensasse.

FADA NEGRA.

(*a Lia*) Queres de novo ser princeza?

LIA.

(*indicando Samuel*) Mas o princepe hade ser outro.

FADA NEGRA.

(a Samuel) Cazarás com a princeza Zobeida.

SAMUEL.

(indicando Lia) Esta?

FADA NEGRA.

Não, a verdadeira *(para Lia)* Desposarás o principe azul.

LIA.

(indicando Samuel) Este?

FADA NEGRA.

Só assim poderei vingar-me, destruir o poder da minha rival, e firmar para sempre o meu imperio. Vinde.

SAMUEL.

Aonde?

FADA NEGRA.

O meu poder vol-o dirá *(bate com o pé: o theatro transforma-se)*.

QUADRO.

O palacio da fada negra. Escuridade completa Arabescos de fogo.

SCENA VIII.

LIA, SAMUEL, E A FADA NEGRA.

SAMUEL.

Que medonha escuridão!

LIA.

Que susto!

FADA NEGRA.

Estaes nos meus dominios. Silencio e obediencia (*entram os genios, as fadas e guerreiros negros conduzindo o principe e a princeza algemados. Marcha lugubre,*).

SCENA IX,

OS DITOS, PRINCIPE AZUL, ZOBEIDA, FADAS, GENIOS, GUERREIROS NEGROS, ETC.

ZOBEIDA.

Aonde me conduzis?

PRINCIPE.

Onde está ella?

FADA NEGRA.

Estaes ambos em meu poder, orgulhosos mancebos. Por muito tempo, um poder rival, vos protegeu contra mim. Agora estaes captivos. Não quizestes acceitar a illusão, acceitareis a realidade... (*approximem-se os genios com tochas de luz vermelha*) Princeza Zobeida, eis-aqui o teu noivo. (*indica Samuel, gesto de horror da princeza*)

SAMUEL.

(*á fada*) Ella é rica?

FADA NEGRA.

(*sem attender*) Principe de Balsorah, eis-aqui a tua noiva, (*gesto de horror do princepe*)

LIA.

Elle é princepe verdadeiro?

ZOBEIDA.

Antes a morte.

SAMUEL.

(á parte) Tem má bocca.

PRINCIPE.

Antes morrer.

LIA.

(á parte) Ai! que desdenhoso!

FADA NEGRA.

(triumphando) A morte era pouco para vingar-me e triumphar. Resignae-vos principe; resignae-vos princeza: agora ninguem ousara vir disputar-vos ao centro do meu imperio.

UMA VOZ.

(dentro) Enganaes-vos! *(os guerreiras, genios e fadas brancas precipitam-se na scena e attacam os guerreiros, genios e fadas negras).*

SCENA X.

Combate. Dança guerreira. D'um lado, o Principe e a Princeza grupados observam inquietos, e parecem orar pelo triumpho das fadas brancas. Do outro Lia, e Samuel encolhem-se de medo. A final, triumpham as fadas brancas, e subjugam as fadas negras. Musica, etc.)

A FADA BRANCA. *(dominando tudo)*

«O orgulho subjugamos inimigo,
«Das sombras triumphou sacro explendor...

QUADRO.

(*a um aceno seu transforma-se o theatro no palacio da Lua, todo transparente e fúlgido, rematando n'uma galeria luminosa a perder de vista. As fadas brancas grupadas tem a seus pés as fadas negras. A fada branca continua: a Samuel e Lia, prostrados a seus pés em attitude de consternação*).

« Vossos vicios serão mutuo castigo...

(*a Zobeida e ao principe abraçados a seu lado*).

« Vosso premio será um mutuo amor !

(*repete-se parte do côro subterraneo, e do côro celeste do* 1.º *acto, cantado pelos grupos, um subjugado, outro triumphante.*

FIM.